

Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdades: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado
Nova Cartografia Social da Amazônia

PESCADORES DE TUTÓIA E PAULINO NEVES: CONFLITOS ÉTNICOS E DEVASTAÇÕES PROVOCADAS PELA IMPLANTAÇÃO DE PARQUES EÓLICOS NO MARANHÃO



BOLETIM
INFORMATIVO

16

PESCADORES DE TUTÓIA E PAULINO NEVES: CONFLITOS ÉTNICOS E DEVASTAÇÕES PROVOCADAS PELA IMPLANTAÇÃO DE PARQUES EÓLICOS NO MARANHÃO

Projeto Editorial

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA – PNCSA

Projeto Gráfico

Murana Arenillas Oliveira

Capa e Diagramação

Silvia Regina dos Santos Diniz Morais

Edição: Janeiro de 2020

COORDENAÇÃO GERAL

Patrícia Maria Portela Nunes – PNCSA/PPGCSPA-UEMA

Cynthia Carvalho Martins – PNCSA/PPGCSPA-UEMA

Emmanuel de Almeida Farias Júnior – PNCSA/PPGCSPA-UEMA

Alfredo Wagner Berno de Almeida – PNCSA/PPGCSPA-UEMA/UEA

Financiamento: Climate and Land Use Alliance – CLUA

EQUIPE DE PESQUISA

Patrícia Maria Portela Nunes

Cynthia Carvalho Martins

Rosa Torres Tremembé – Mestre pelo PPGCSPA

João Damasceno Figueiredo Júnior – Mestre pelo PPGCSPA

Amanda Nascimento Gaspar – Mestranda do PPGCSPA

Karlianne Pacheco de Sousa – BOLSISTA PIBIC/UEMA

Pedro da Cruz Lima Júnior – BOLSISTA PIBIC/UEMA

Edelson Leitão Maciel – Laboratório Cartográfico PPGCSPA

Colaboradores

Durval Torres Tremembé

Indígena Tremembé da Raposa

José Altair Marques

Comissão Pastoral da Pesca (CPP)

ORGANIZADORES DESTA EDIÇÃO

Patrícia Maria Portela Nunes

Cynthia Carvalho Martins

REALIZAÇÃO:

Colônia de Pesca de Tutóia – Z-17

Colônia de Pesca de Paulino Neves Z-57

Comissão Pastoral da Pesca (CPP)

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

APOIO: Representantes Indígenas Tremembé da Raposa e da Comunidade do Engenho

LABORATÓRIO DE CARTOGRAFIA UEMA

Tomas Palliolo Pacheco de Oliveira (coordenador)

TRABALHO CARTOGRÁFICO

Edelson Leitão Maciel

FOTOGRAFIAS

Patrícia Maria Portela Nunes

Pedro da Cruz Lima Júnior

Marcela Portela

**Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Coordenação Geral**

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)

Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

Cynthia Carvalho Martins

FICHA CATALOGRÁFICA

Boletim Informativo - PESCADORES DE TUTÓIA E PAULINO NEVES: CONFLITOS ÉTNICOS E DEVASTAÇÕES PROVOCADAS PELA IMPLANTAÇÃO DE PARQUES EÓLICOS NO MARANHÃO. N. 16 Março de 2019. São Luís: UEMA EDIÇÕES/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

32p.
IRREGULAR

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida. Coordenação da Pesquisa deste boletim: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia Carvalho Martins

ISSN: 2675-2263

1. Cartografia Social. 2. Comunidades Tradicionais. 3 empreendimentos de infraestrutura.. Parques Eólicos

1 – Primeiro Parque Eólico: Arbitrariedades da Implantação do “empreendimento”

Isso mesmo que eu quero lembrar, a empresa agora chama é Taboa, não sei das quantas, por causa da lagoa. A empresa quer as terras dos limites de Barreirinhas até os limites da Tutóia, eles pegaram o nome da lagoa e botaram o nome da empresa, do empreendimento. São centenas de hectares que eles querem lá. Agora a lagoa da Taboa foi aterrada justamente para que fossem transportadas essas torres aí e essas hélices, que essas hélices elas são de grande comprimento. Então as carretas que trouxeram elas são bem longas.

Porque, assim, esse parque, ele já existia esse projeto aí, desde o governo anterior. E nesse trajeto a estrada passa por dentro de um parque ambiental. Então não era permitido fazer essa estrada. E, no governo atual essa empresa que trabalhou fez a terraplanagem, pra que essas torres chegassem aqui, que é muita areia. E o governo do estado entraria então só com o asfalto. E para chegar na praia aqui teve várias ramificações, eles aterrando para que as carretas chegassem no destino final e um dos aterramentos foi na lagoa. E toda essa área que você viu lá, que é bastante grande, essa pesca na lagoa e nos campos está toda interdita. Toda interdita até aqui pra dentro do mar, onde no mapa da cartografia aparece a aproximação dos passarinhos, até aqui tem cerca. Esse povo, que morava desse lado e era acostumado a ir reto para chegar na área de pesca, eles agora têm que ir pra essa ponta aqui,



Srs. José Altair Marques
e Gilberto Lima Santos

Com um protótipo do mapa “Implantação do Parque Eólico: Conflitos e Territorialidades” nas mãos, o Senhor José Altair Marques, conhecido por seu Zezé, esteve no Laboratório do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia da UEMA em março de 2020.

Seu Zezé é Pescador de Tutóia, faz parte da Comissão Pastoral

da Pesca (CCP/ TUTÓIA) e é uma liderança com grande atuação em defesa da criação um “território de pesca” no litoral da região do Baixo Parnaíba. Ele luta para assegurar o direito de pesca aos pescadores artesanais e para combater ações de depredação de recursos aquáticos, como a exploração de calcário marinho.

Ao seu lado esquerdo está o senhor Gilberto de Lima Santos da Comissão Pastoral da Pesca, que o acompanhara nessa reunião. Debruçado sobre o protótipo desse mapa o senhor Zezé descreveu uma grande variedade de conflitos sociais, violações de direito e impactos provocados com a implantação do primeiro Parque de Energia Eólica do Maranhão, que incidiu sobre o território de pesca de pescadores ligados às Colônias de Pesca Z-57 e Z-17, de Paulino Neves e Tutóia, respectivamente.

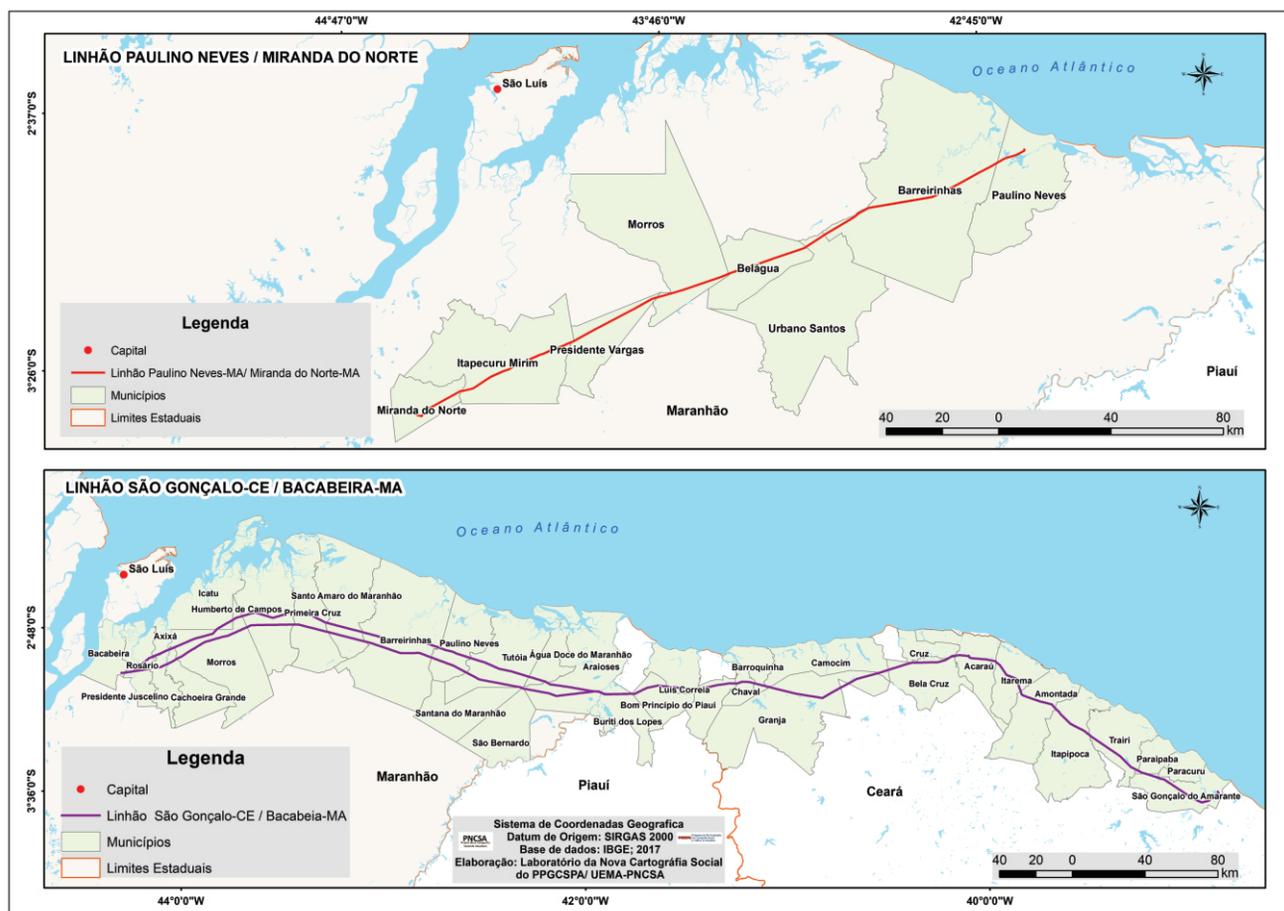
pra poder ter acesso a essa praia. As cercas ficam ali onde estão os transformadores, ali onde tem a corrente maior de energia, eles botaram cerca. Eles dizem que é simplesmente pra proteger as pessoas de não estarem na fiação mas não, eles querem tirar esse povo daqui. E eles pescavam na praia, de tarrafa, caçoeira e anzol (...).

Pergunta: a pesca e a roça são as principais atividades?

Seu Zezé: vai muito pelo momento deles, se ele tiver mais envolvido pela pesca ele se identifica mais com a pesca mas se ele tiver mais envolvido com a agricultura ele vai pra agricultura, mas ele não deixa de fazer as duas funções. É muito do momento se você for lá pra Bela Água lá eles podem estar se identificando mais com a lavoura mas não deixa de ter um pescador lá, quem vem pra praia e pesca. A roça e a pesca andam paralelos. Isso aí não tem como... há uma briga muito grande porque pra se cadastrar como pescador tem que ser só pescador e não tem isso, esse pescador e esse lavrador eles estão sempre caminhando juntos a pessoa faz as duas funções, mas se declarar que trabalha na lavoura... se puder dar um gancho pra fortalecer entendeu? Dentro da discussão se puder.

(Senhor José Altair Marques, 07 de março 2020)

Ao ser anunciado em 2012 por representantes do governo do Maranhão e do Ministério de Minas e Energia, o projeto governamental de fomento às chamada "energia limpa" ou "renovável" com a criação de "parques eólicos" previa a criação e gerenciamento treze 13 parques eólicos a serem instalados nos municípios de Tutóia e Paulino Neves. Além dos "parques eólicos", propriamente ditos, o projeto previa a construção de uma rodovia ligando as cidades de Barreirinhas e Paulino Neves e a implantação de uma linha de transmissão de energia de 500 KVA, com 230 km, que seria interligada à subestação de Miranda II.



PROJETO DE AMPLIAÇÃO DAS LINHAS DE TRANSMISSÃO

As comunidades afetadas pela linha de transmissão em Belágua: os linhões que cortam os riachos e os contratos com as associações

Na gleba Belágua tem 29 povoados e são mais de 35 associações porque tem povoado que tem duas associações. Os que fizeram contrato com as empresas foram os que o linhão passou próximo, porque aqui tem uma divisão em quadras. Aqui é uma quadra, se ela passar aqui, ela passou próximo, ela não afetou desse lado da nossa quadra. Ela afetou o outro lado do riacho aqui. Aqui tem um riacho que vem lá do Barro Duro, é o mesmo que vai aqui e o linhão passou por cima do riacho, vocês vão encontrar ele lá, quando passarem lá, tem a trilha, até de moto passa. Que eu tenho certeza o primeiro linhão passou em Ananais, com a associação do seu Chagas; passou aqui no Surrão, com seu Bernardo, apelido Bernardo Caximura. O Bernardo era o presidente da associação na época, agora não sei, na época ele que fez o contrato. Mas parece que está até meio desativada a associação, mas durante esse período ele era presidente da associação. No Surrão tem outra associação também, que é bom vocês conversarem com ele, já no caso de vocês irem, é o Olivar. Esse linhão vem de Bacabeira passa aqui vai para o Ceará, Pecém no Ceará.



Senhor Edilson da Associação de Currálinhos

Também tem um que sai de Bacabeira pra Miranda do Norte. Pois é, tudo é a mesma empresa, a mesma construtora. São 1150 quilômetros de São Luís para o Pecém no Ceará (...) O que afeta aqui mesmo é Currálinho e Belágua que são aqui próximos, e na outra via lá, afeta é na Cabeceira de Cutia, Pindaíba, Riacho do Meio, Zé Correia, Anajazal e Ananais. E aqui a outra aqui nessa via é o Surrão, afeta Surrão, São Gregório, porque passam por trás, eu acho que afeta, porque não sei se diretamente afetou a área, mas acho que sim (...) Porque por exemplo, passou aqui por Currálinho e Belágua, não afetou a quadra desse lado, mas afetou a área do outro lado e a questão do meio ambiente como o riacho. E a Belágua, mas também não afetou somente a Belágua, já afetou a área de outros povoados que é esse o caso, não afetou a quadra desse lado, porque o nosso assentamento é desse lado, o rio aqui é a diferença, já afetou a outra área do outro lado porque a gente também trabalha na outra área do outro lado, só que o nosso assentamento é aqui. A marca de referência é o riacho.

(Edilson, ex-presidente da Associação de Currálinhos, em outubro de 2019)

Reunidos na Oficina de Mapas, ocorrida em outubro de 2019 no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tutóia, em sua sede localizada em Barro Duro, os agentes sociais explicam minuciosamente os efeitos sociais gerados com a implantação do “sistema de transmissão para escoamento da energia eólica” em conformidade com Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL).

Esse sistema tem caráter interestadual e abrange os estados de Maranhão, Piauí e Ceará. As chamadas C1 e C2 (ver mapa) constituem-se em circuitos de transmissão de energia que tem início no município de Bacabeira, passando por Barreirinhas, Paulino Neves e Tutóia, no Maranhão, alcançando Parnaíba no Piauí, Acaraú, Pecém e Tianguá no Ceará.

Note-se que esta linha de transmissão resulta num intrusamento de territórios de povos e comunidades tradicionais, a exemplo das Terras Indígenas Tremembé localizadas no litoral do Ceará, em municípios como Acaraú e Almofala, intrusando inclusive áreas de antigos aldeamentos de Tremembés como os localizados em Tutóia Velha e em Almofala.



Presidente da Colônia de Pesca de Paulino Neves Z-57, o senhor Osmar das Chagas vem atuando em defesa dos direitos dos pescadores de Paulino Neves. Em sua participação na Oficina de Mapas no STTR de Barro Duro, em outubro de 2019, seu Osmar falou sobre muitas violações provocadas com a chegada desse novo empreendimento, a Eólica; violações de direito relacionadas a ações de desmatamento e destruição de diferentes ecossistemas, como o ecossistema marinho. Os prejuízos aí são, segundo seu depoimento, incalculáveis e de difícil reparação, já que afetam a reprodução de diferentes espécies de peixes ou a morte de centenas de tartarugas marinhas. Ressaltou a matança de muitas espécies de pássaros e o incalculável prejuízo das hélices dessas torres para a destruição de recursos naturais, a exemplo do aterramento de lagos. Não só a natureza, os recursos naturais e os animais marinhos ou os pássaros estão sendo dizimados, mas acidentes vem ocorrendo causando, até o presente, a morte de duas pessoas em Paulino Neves.

Osmar: toda essa área aí é **área de pesca que hoje está cercada com a cerca elétrica** que era área de pesca da associação. Do lado da estrada que a associação tomou de conta desse lado é a ÔMEGA

Pergunta: o local que vocês faziam a pesca era pra cá?

Osmar: essa área, todo esse campo, essa área todinha das dunas pra cá nós pescávamos e das dunas pra lá ficava o lado da praia, entendeu?

Pergunta: aqui é o quê?

Osmar: cerca elétrica

Pergunta: ah, então esse cercamento é da cerca elétrica da associação?

Osmar: da associação, da **ACORDEN** que ganham dinheiro deles aí, **que é a associação que eles criaram, mandaram criar dizendo que eram de criadores.** (...) Essa associação é de Paulino Neves, eles botaram umas pessoas, mas eles manipulam. São amigos nossos, parentes nossos, mas é porque o dinheiro tá lá, a empresa é maior.

Pergunta: qual o nome do rio?

Osmar: aí é o Rio Novo. Aí tá seco agora porque a lagoa seca, claro, algumas lagoas. Isso tudo aqui é área de pesca nossa, toda essa área aqui é área de pesca. A grande lagoa que a gente falava é a lagoa do Alazão, ou melhor me ajuda, do Cardão que é o berçário de peixes onde eles criavam

Pergunta: lagoa do Cardão?

Osmar: lagoa do...me ajuda Marcos, lagoa do Cardão (...) **a lagoa ficava pra lá e lá onde ficava o berçário de peixes. Hoje eles tomaram de conta, aterraram tudo isso aí.** O rio tá ali, o lago já começa ali nas proximidades da ali, **é o nosso lago da Taboa.** (...) Pescávamos no lago (...) a nossa passagem para o lago nós não temos acesso, fechou nessa área. Aonde a gente tem acesso ao lago lá é indo pelo rio. Eles tomaram de conta e não nos comunicaram.

Pergunta: a associação que fez esse cercamento?

Osmar: é, **fez o cercamento sem nos avisar, foi da noite para o dia, foi muito rápido.** Quando a gente olhou já estava, e também a gente nunca questionou muito eles ainda não. Eu questionei assim, fui lá no SEMA de São Luís, mas não tive êxito não, nem ligou. O secretário nem quis atender (...) Olha, o gavião desapareceu, tinha muitos desses, tem poucos hoje, mas ainda temos alguns, ainda bem. A lagoa era para as nossas pescas, aí tudo cercado, e aí é o lago.

Pergunta: e assim senhor Osmar, a associação proibiu de construir essas barracas para pescar?

Osmar: isso, para pescar. Até a associação aqui manda, a associação TAÍPE que **o presidente que estava,** meu primo, bem humildezinho, então, **foi me convidar para gente proibir os pescadores daqui.** Eu disse: **"não tenho interesse, não tenho interesse de tirar os pescadores do campo".**

Pergunta: esse senhor que fez a associação, o senhor sabe o nome dele?

Osmar: foi da ARCODEN. Foi eles mesmo daqui de Paulino Neves por mandado da empresa. Aqui é a área do lago. Ali nós vamos ver aonde as torres são implantadas. Implantaram lá dentro

Pergunta: dentro do lago?

Osmar: dentro do lago, nós vamos já mostrar aqui. Aí é o lago, grande lago da Taboa (...) Não desce mais, se quiser ir eles vão ter que fazer isso, eles vão ter que sair da comunidade deles passar aqui. Pois então vem aqui por Paulino Neves, olha o abuso, pra poder descer lá aonde a gente vai descer lá na praia, porque aí nesse meio não aceitam mais que ninguém passe.

Pergunta: mas tem outras lagoas pra cá pra pescar?

Osmar: tem, tem a praia. Tem acesso lagoa e praia. Então, eles não aceitam que a gente passe pra praia assim não, então hoje nós estamos impedidos, eles não querem que a gente passe. Ai eles dizem: "não, não tem risco". E por que a gente não entra? Não passa? Ai ele: "não, é pra evitar problemas, acidentes". É o dito pelo não dito.

Pergunta: nessa área ai eles já proibiram pescar?

Osmar: pescar e passagem, não pode passar pra pescar na praia. **A gente não tem um caminho próprio.** Vai logo só no rumo, eu vou pra praia pescar, eu passo aqui oh.

Garcia: tem lagoa perto daquelas torres lá também, tem lagoa que entra peixe, e o pescador de lá não pode mais pegar

Osmar: lá você vai entender, depois dessas dunas aqui indo direto nesse rumo. Eu indo direto aqui eu chego no Oceano Atlântico direto, se eu for direto. O quê que acontece, eu saio das dunas ai chego no campo que tem **lagoa aonde nós pescávamos que já estamos proibidos.** Eu subo outras dunas e aí tem o areão como esse aqui, vamos assim dizer, **que era onde as tartarugas desovavam, onde os pássaros também colocam os seus ovos e ai eu chego na praia.**

Pergunta: e esse local da Taboa era o local aonde vocês pescavam? O maior local para pesca?

Osmar: pescávamos e pescamos ainda e aqui é que sobe os peixes para as lagoas na subida quando as chuvas começam todos os peixes saem daqui para o campo onde eles colocam seus ovos e depois voltam. E a nossa grande briga, na hora que o peixe tá voltando na subida do peixe, na descida que os pescadores começam a pescar e a gente tenta proibir, mas, porque a lei proíbe, claro. A gente vem, conversa, mas tem alguns que não compreendem foi a razão de eu ter ido ao SEMA para falar com o secretário e ele não me atendeu. Deixei a notícia até hoje, nunca tivemos assistência. **O meio ambiente está na mesma forma, nem a secretária não vem aonde a gente. A gente não é ouvido, a realidade é que a gente não é ouvido.**



EM PAULINO NEVES : A placa posta pela "ACORDEM" - Associação Comunitária dos Pequenos Criadores e Defensores da Natureza, chama atenção para a "área de preservação ambiental e criação". Note-se que a Linha de Transmissão de Energia corta a área de preservação.



Além da Linha de Transmissão as Torres Eólicas intrusam áreas de roça, áreas de criação de animais e produzem elevados ruídos que, segundo agentes sociais de Água Riquinha, vêm provocando transtornos à saúde e ao bem viver na comunidade.

AS FOTOS ABAIXO FAZEM PARTE DE UMA COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE SEU OSMAR CHAGAS E REGISTRAM CRIMES AMBIENTAIS E SITUAÇÕES DE PERIGO AOS PESCADORES DA COLÔNIA . APARENTEMENTE IDÍLICA, BELA OU DE FEIÇÃO POÉTICA, A PRIMEIRA FOTOGRAFIA REGISTRA A MORTE DE DIFERENTES ESPÉCIES DE PÁSSAROS.



A regularização de terras como contrapartida do “empreendimento”: órgãos de terra responsáveis pela estrutura fundiária

PROJETO DE ASSENTAMENTO ESTADUAL SANTA CLARA COMUM: não cumprimento dos procedimentos referidos à “consulta prévia, livre e informada” em audiência pública, cadastramento de famílias, presença ostensiva de agrimensores, legalização de terras como espécie de “benefício” para instalação do empreendimento de geração de energia eólica.

Entrevista com o presidente da Associação Tutóia Velha Unida, em setembro de 2017, na comunidade de Tutóia Velha.



Cleiber: No começo quando eles vieram em 2005, **fazer o cadastro**, eles fizeram naquela igreja, eles não disseram pra quê seria o cadastro, eles pediram que todos os trabalhadores e pescadores, todos os moradores levassem seus documentos. Só que dois anos depois veio uma RB com

todos os nomes relacionados e, algumas pessoas que foram inseridas dentro do programa, vieram cadastradas no programa habitacional. Certo? Ninguém sabia que iria receber esse benefício. Aí veio a comissão do ITERMA e eles disseram “aqui tem a RB e tantos aqui **assentados** que vão receber, um projeto habitacional do Governo, que é do Governo Federal mas está vindo via Governo Estadual e vai vir diretamente para a associação e a associação que estiver legalizada, que estiver em dias com toda a documentação, vai receber esse benefício.

Pergunta: Deixa eu te perguntar uma coisa, essa discussão toda sobre o processo de regularização de terras se deu nesse contexto aí da década de 1990, como você estava falando. Em 1993, 1994 vocês reivindicaram ao ITERMA a desapropriação. Mas teve alguma situação de conflito de terras que provocou isso?

Cleiber: A iniciativa foi tomada porque foi baseado na região de São Bernardo, Brejo, onde os **sojeiros** vinham e tomavam aquela área toda, e a gente se preocupou com isso. O **sindicato dos trabalhadores rurais** muito preocupado com a situação, reuniu a população e **começou a discutir**. A **igreja também** começou a discutir, aqui olha “vamos tomar uma providência”. E aí foram várias reuniões. Nós saíamos aqui em caravanas pra ir até São Luís. Várias vezes e **a FETAEMA era uma aliada nossa**. Aí a gente foi pres-

sionando, pressionando, só que nós não estávamos tendo êxito porque nós não tínhamos recurso financeiro pra chegar lá e bancar. **E aí chegou uma empresa de empreendimento eólico**.

Pergunta: Quando que essa empresa chega? Você sabe?

Cleiber: ela chegou a partir de 2012. Aí a gente começou a pressionar o governo que a gente queria realmente **a titularização da terra**, queria a legalização da terra, que era uma necessidade nossa. (...) A empresa quis negociar com os sindicatos, com as associações, e a gente disse “não, a gente precisa ver o modelo de contrato de vocês, pra gente ver se ta conforme, se vai atender nossa demanda, nossas exigências”. Nós temos a assessoria jurídica do sindicato, então foi solicitado o apoio da assessoria jurídica do sindicato, o apoio da assessoria jurídica lá em São Luís, foi solicitado a assessoria jurídica do ITERMA, que vieram para uma audiência pública em Tutóia.

Pergunta: em que ano foi essa audiência?

Cleiber: em 2014. (...) Aqui é uma situação que, se dependesse de nós, seria muito mais fácil. Mas é um empreendimento que, na verdade, ele milionário, bilionário. E quando se torna para este lado, com esses fins, a gente sabe que tem uma **parceria muito grande do governo**, tanto governo de estado, quanto do governo federal. **E, infelizmente, a gente não conseguiu barrar esse empreendimento**. No primeiro momento, ele teve uma parada, ele recuou. Aí depois, quando ele voltou, foi com muita força e sempre que eles vêm, **eles trazem o pessoal da Secretaria do Meio Ambiente do Estado, eles trazem o Ibama, lá de Brasília**. Essas pessoas, que vêm, elas dizem para comunidade: “olha isso aqui não vai causar impacto ambiental”. “Isso vai causar naquele outro de lá”! Então a comunidade por não ter conhecimento bem específico, mas também não é à toa. **A comunidade já conhece, já tem muito conhecimento**. Mas aí ela fica em dúvida. Logo **na audiência pública** também, os presidentes, as pessoas que são convocadas, **o tempo é muito reduzido, às vezes, é um ou dois minutos para o questionamento, às vezes não tem uma réplica para defender novamente**. E aí fica por isso mesmo para você ter uma

noção, **a audiência pública da Empresa Argo foi feita a noite, terminou era quase uma hora da manhã**, mais de uma hora da manhã. Agora eu pergunto para vocês qual o trabalhador rural, que tem que trabalhar no dia seguinte, nós famílias que eu tenho que passar o dia todinho trabalhando, vai participar de uma audiência pública com êxito, começando às 7 horas da noite terminando mais de uma hora da manhã? É muito cansativo, sem falar que você não vai assimilar os conteúdos ali porque ele são passados com uma velocidade imensa. Eles deram uma cartilha com mais de 1000 páginas, ou seja, aquela cartilha teria que ser seguida em audiência pública item por item. (...) **E eles já vinham com uma proposta lá do governo estadual, do governo federal. A decisão já vinha de lá. Então, a nossa decisão era apenas uma confirmação.** O que foi feito? A Federação das associações, com a FETAEMA e o sindicato dos trabalhadores rurais e as associações todas, as associações em geral, se reuniram com seus advogados e foi feito um documento pedindo um docu-

mento para análise, um contrato para análise. Esse processo de análise percorreu por mais de um ano. Foram várias reuniões e cada associação teve sua reunião. Então não foi feito assim às escondidas, às escuras não, foi feita uma participação de toda comunidade. E eles deixaram bem claro, diferente de uma outra empresa que chegou em algum outro município. Lá foi feito com o presidente e com um pequeno grupo de pessoas. Aqui não, foi feito em Gleba foi feito em parceria.(...)

A empresa veio e facilitou pelo lado de custear os valores porque hoje, se nós tivéssemos que pagar, hoje, dos 924 hectares, nós pagaríamos o valor de 82.000 mil reais. Isto só pela documentação, fora os trabalhos topográficos, fora os registros cartoriais. E o parcelamento seria em 10 anos e a certidão de quitação ia ser expedida após 10 anos. Com a parceria com a empresa veio a ideia e a empresa propôs um acordo. Olha, a gente ajuda vocês na área, não é nós que vamos pagar, associação que paga, a gente ajuda vocês na área.

CONVENÇÃO 169 DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT) ARTIGO 6º

1. Na aplicação das disposições da presente Convenção, os governos deverão:

- a) consultar os povos interessados, por meio de procedimentos adequados e, em particular, de suas instituições representativas, sempre que sejam previstas medidas legislativas ou administrativas suscetíveis de afetá-los diretamente;
- b) criar meios pelos quais esses povos possam participar livremente, ou pelo menos na mesma medida assegurada aos demais cidadãos, em todos os níveis decisórios de instituições eletivas ou órgãos administrativos responsáveis por políticas e programas que lhes afetem;
- c) estabelecer meios adequados para o pleno desenvolvimento das instituições e iniciativas próprias desses povos e, quando necessário, disponibilizar os recursos necessários para esse fim.

2. As consultas realizadas em conformidade com o previsto na presente Convenção deverão ser conduzidas de boa-fé e de uma maneira adequada às circunstâncias, no sentido de que um acordo ou consentimento em torno das medidas propostas possa ser alcançado.

Sr. Raimundo e Dona Maria, comunidade de Santo Antônio, localizada no P.A. Santa Clara Comum



Pergunta - Mas o engenho aqui esse que era da sua família era do tempo do seu pai ou do seu avô?

Raimundo: De papai mesmo (...) era engenho de madeira, puxado pelo boi, colocava aquele negócio de madeira e o boi puxava e ia rolando aquele negócio, assim, e metiam a cana iam impesando e garapa ia caindo dentro do tacho.

Pergunta: E quem que trabalhava no engenho do seu pai?

Raimundo: Nós mesmo, só da família. Filhos, era 8 homens e 5 mulheres

Pergunta: E a associação daqui?

Raimundo: A menina que é presidente mora bem ai em frente,

Surpreendidos com novos limites de terras impostos por agrimensores do ITERMA, seu Raimundo e dona Maria viram alterado os limites da propriedade deixada como herança por seus pais. A presidente da Associação da Comunidade Santo Antônio parece ter sido a porta-voz dessa alteração nos limites, reconhecidos pela família deste senhor. Alteração que só tomaram conhecimento quando os representantes do ITERMA declararam a desapropriação do PE Santa Clara Comum.

ela tem o nome de todo mundo lá no caderno, não faz muito tempo que foi fundada.

Pergunta: Por que o senhor falou que essa divisão, com a chegada do parque eólico, cada associação está responsável por uma área específica e aquelas pessoas que já moravam naquelas comunidades, cada família tinha sua área de cultivo, como que ficou isso, continua do mesmo jeito?

Raimundo - O pessoal tem uma associação, quer tomar de conta de tudo que tem no lugar. Agora mesmo, do outro lado lá, meu pai, esse pessoal antigo tudo tinham um terreno, tinha lá um do meu pai que eu fiquei. Nunca sai de perto dele, aí quando ele morreu eu fiquei tomando de conta, quando eu pensei que não já tinham botado o terreno dentro da associa-

ção, a associação de São João. Ai fomos em cima, fomos embaixo e até hoje vivo lutando pra desligar dentro da associação. Eles falam que eles estão lutando já que o documento já está preparado. Eu falei com o rapaz que é da associação pra devolver o terreno pra mim. O que aconteceu foi que, quando nós nos demos conta, eles já tinham pego todos os terrenos daquele lado. Ai eu fui lá revirar, **ai eles disseram que eu não tinha direito de nada, que aquilo ali era da associação. Aqui todo mundo que é do lugar, sabe que esse terreno era do meu pai.** Ai o menino falou, senhor eles estão colocando seu terreno como se fosse da associação, sabe o que o senhor vai fazer? Compre umas estacas e cerque seu terreno, cerque seu terreno. Assim eu fiz, mas colocaram em mim foi quente, agora estou lutando pra pegar o documento. Tem muitos que aconteceram isso, aconteceu com muita gente, tem um rapaz bem ali que aconteceu isso, mas ele já resolveu.

Pergunta: Então deixa eu lhe perguntar uma coisa a gente está conversando com algumas pessoas que estão nos falando da criação de algumas associações. Mas todas elas já existiam ou algumas estão sendo criadas recentemente?

Maria: Nessa época não existia associação em lugar nenhum, isso formaram de pouco tempo pra cá.

Pergunta: E a associação daqui ela também tem uma área?

Raimundo: Tem uma área e é grande.

Pergunta: Então a associação acabou com a roça das famílias?

Raimundo: É, acabou com tudo, não deixam roçar não. Agora pouco o menino falou para mim que ele foi pra roçar e a presidente não deixou.

Pergunta: E os associados tem que pagar alguma coisa para a

associação por mês?

Raimundo: É pra pagar, eu andei pagando um bocado de tempo, mas eu larguei até de mão por que tem hora que faz é raiva pra gente. Num tempo desse, veio um pessoal dessas torres, fizeram uma reunião aqui pra arrumar terra e colocar essa torre. Nesse tempo arrumaram pra ele lá, alugaram, um espaço lá pra assentar essas torres, daí pra cá nunca assentaram. Eu ouvir falar que todo mês eles estavam depositando dinheiro na associação. Há uns 5 a 8 dias teve uma reunião pra ali, nós fomos lá, chegando lá, a presidente fez foi dizer pra nós assim: - olha a empresa não está mais depositando dinheiro, foi a falência, não vai mais depositar dinheiro na conta da associação. E também nunca explicou pra nós quanto que ela pagava por mês pra associação, fez foi dizer que mandaria um boleto pra cada casa.

Pergunta: Eu queria entender uma coisa, a empresa que veio pra cá para colocar energia eólica ela pagava a associação e agora ela parou de pagar, e vocês vão pagar por quê?

Maria: Ela alugou o terreno.

Raimundo: Não vai pagar, mas a mensalidade o sócio tem que pagar todo mês.

Pergunta: E essa área que o senhor falou que a associação tá alugando pra colocar as torres, onde é?

Raimundo: É aqui mesmo pra cá de Vista Alegre, a terra está como da associação daqui (...) acabei de falar que esse menino bem daqui, meu cunhado queria roçar o mato e a presidente proibiu, associação pegou tudo aqui, ninguém pode nem fazer uma roça que eles não deixam.

(Raimundo Nonato da Paz Oliveira e dona Maria Oliveira, setembro de 2018)

PE Santa Clara Comum e a desestruturação das formas de organização social: a “eólica” e a geração de conflitos internos com as associações locais face às proibições para colocar roça em áreas de plantio passadas de pai para filho.

Pergunta: e esse projeto aí dessas hélices, que tão colocando na beira da praia?

João: isso daí eu acho que **o que eles querem é tomar o único pedaço de chão que a gente tem.** Ai a associação vai e eles vendem a preço de banana.

Pergunta: mas todo mundo é associado a essa Associação daqui da comunidade?

João: eu gastei uns 500 reais pagando associação, mas eu nunca chupei um bombom nas custas de associação. Então não adianta eu gastar meu real. **Está com 5 anos que eu saí da associação. Eram duas, agora só tem aquela ali em baixo.** Porque a associação recebeu o título de terra, mas tem que pagar.

Pergunta: o título da terra foi passado pra Associação?

João: justamente, **só pra presidente. Ai é ela quem manda,** eu acho assim a associação na hora de arrumar

qualquer coisa tem que ter uma reunião com o povo pra decidir.

Pergunta: e essa terra aqui é da associação é essa mesmo?

João: **essa aqui não é, é do meu avô, era do meu avô e deu pra outros filhos.** Mas ela não é minha no papel, mas no dia que eles vierem **eu vou brigar pelas minhas plantações.** (...) **A gente conversa porque a gente nasceu e se criou,** mas não somos de dentro dessa Associação. Aqui eles pensam diferente. **Se eu não sou da associação aqui eu não posso fazer uma roça,** é só quem pode fazer quem é da associação. Eu acho que está errado, **porque eu nasci e me criei aqui, quando eu nasci todo mundo fazia sua roça onde queria.** Hoje eu tô velho, e não presto mais pra trabalhar, mas ainda faço uma roça lá, que é fora do quilombo.

De acordo com os agentes sociais, seja em entrevistas concedidas, seja em seus depoimentos em reuniões e oficinas, muitas associações comunitárias do PE Santa Clara Comum foram criadas por orientação de representantes dos órgãos fundiários e com o objetivo de receber títulos de terra. Os agentes sociais também chamam atenção que a criação dessas novas associações atende a interesses de empresas concessionárias já que é, através desta figura jurídica, que essas empresas firmam os contratos de concessão de uso dos domínios territoriais referidos a uma determinada associação comunitária.

O PRIMEIRO PARQUE EÓLICO EM PAULINO NEVES: o problema do contrato das empresas com as associações e os danos ambientais



Pergunta: A senhora é pescadora dona Antônia?

Dona Antônia: Sou pescadora desde criança, desde criança, dentro do lago sou pescadora (...) Eu ia pescar desde quando eu tinha minha avó, porque minha mãe morreu logo quando eu era criança, e minha avó levava a gente pra pescar e a gente pescava desde criança, mexendo com peixe. É um lago de água doce. É o mesmo lago que vem, desce lá em Paulino Neves, aí vai pro mar. Aí lá pra cima sobe, fica as dunas do lado, que é os campos, as lagoas que o pessoal fala. **A partir de junho é a safra do peixe, a gente pesca no lago, pesca na lagoa.** Pega na safra o tempo todinho. Que é na lagoa que é onde está implantado o parque, e no lago, uma parte do lago. Não pegou o lago todo. **Mas uma parte do lago, aí aterrou porque agrediu as dunas e jogou pra dentro do lago aquela areia. E uma parte do lago foi aterrado. Uma parte, não todo, mas uma parte bem grande. Foi implantado nas dunas, os cata-vento.** Foi dentro do lago uns tremedais muito forte. E lá tem uma máquina que ficou atolada porque é areia movediça, um trator daquele tamanho engoliu todinha, porque ela é assim um tremedal medonho, aquele tremedal, que é aqueles lugares assim que a gente pisa e afunda.

Pergunta: E como eles fizeram para aterrar lá?

Dona Antônia: Eles deram o jeito deles, isso eu não tenho noção..

Pergunta: E eles pegaram terra de onde pra aterrar?

Dona Antônia: **Eles arrancaram de lá, das dunas.** Mas as máquinas que caíram lá, depois não saíram mais não, afundaram. Porque lá é assim quanto mais coisa, mais afunda, tipo assim, uns olhos d'água, a natureza mesmo. Até a gente pisando assim nas areias das dunas ali, se a gente não tiver cuidado, ela vai ela vai se movendo e a gente vai descendo. Areia movediça.

Pergunta: E demorou quanto tempo pra eles fazerem

Entrevista de Dona Antônia Carlos Macedo durante a Oficina de Mapas em outubro 2019 no STTR de Barro Duro.

esse trabalho lá nesse lago?

Dona Antônia: Esse parque já está há muito tempo que a gente já ouviu falar aqui, desde 2013 que tá entocado lá, desde esse tempo. Mas eu sei que foi ano retrasado que eles colocaram esse linhão, que eu me lembro foi, ano retrasado.

Pergunta: E o que dificultou pra vocês em relação a pesca?

Dona Antônia: O linhão tem suas mazelas aqui. Segundo o seu Osmar que deu a palestra agora, tem as mazelas. Eu mesma fiz uma pergunta pra moça, qual era o benefício se acontecesse de um pescador morrer com fio que caísse lá, **porque aquilo dali não tem segurança**, tem energia, se cair um fio, quem tiver abaixo morre. Eu perguntei pra ela: **E se um fio cair? Porque se um pescador tiver ali e um fio cair, você paga a indenização do pescador? E ela respondeu que não. Então, o trabalhador não tem segurança.** Porque uma coisa que podia ser feita era colocar material que fosse bem resistente, principalmente nas áreas que eles caíssem na água, nas áreas que atravessa uma lagoa pra outra, que fosse bem resistente e não fios que ficam descascados. Tinha que ficar assim bem feita pra não ter problema (...) **se um fio cair numa lagoa é caixão, se tiver alguém é caixão, debaixo de uma lagoa vai morrer.**

Pergunta: como as torres passam na lagoa?

Dona Antônia: É por cima, atravessando. Aqui tem lagoa pra cá, pra lá e tem aqueles buracos que eles fizeram acho que pra fazer estrada, não é?! **Aqueles buracos bem enormes, porque tiraram a areia.** E já tinha uns buracos por causa da lagoa e tinha lugar que foi tapado ao mesmo tempo, o negócio é complicado porque não tem segurança para o pescador.

(Antônia Carlos Macedo, Colônia de Pescadores Z- 57)



Empresas concessionárias e as negociações caso a caso: estratégias empresariais de controle sobre os territórios tradicionais e a desestruturação das relações sociais

Pergunta:: pois é senhor Osmar, a gente estava conversando aqui sobre o linhão e sobre as empresas que estavam trabalhando aqui. A primeira foi a BIONET, ai depois ficou essa ÔMEGA, é isso?

Osmar: é, eles venderam o projeto para a ÔMEGA quando já estava tudo preparado, chamaram as advogadas deles pra tentar enganar a gente, porque a BIONET na época ainda chamou a Colônia para uma primeira reunião, ai conquistou um dos nossos pescadores.

Pergunta: todas essas torres são da ÔMEGA? Não tem nenhuma outra empresa?

Osmar: não, todo esse empreendimento é da ÔMEGA. Ela contrata algumas empresas para trabalhar, ai depois despacha elas, depois de implantar as torres. Uma torre que caiu está no meio daquelas ali, mas acho que já consertaram.

Pergunta: isso que estava perguntando, se teria como a gente ver essa torre, mas acho que já pegaram.

Osmar: provavelmente

Pergunta:: e já teve algum acidente nessa torre aí?

Osmar: **já morreu gente. Um daqui da terra e o de fora levaram o corpo, por causa da energia quando estava instalando, quando eles tentaram ligar no teste. Testaram e morreram.** Toda essa área aí é área de pesca, que hoje está cercada com a cerca elétrica, que era área de pesca da associação. Do lado da estrada que a associação tomou de conta, desse lado é a ÔMEGA.

Pergunta: o local que vocês faziam a pesca era pra cá?

Osmar: essa área, todo esse campo, essa área todinha das dunas pra cá nós pescávamos e das dunas pra lá ficava o lado da praia, entendeu?

Pergunta: aqui é o quê?

Osmar: cerca elétrica.



Cercas ao longo da Rodovia MA-315



Subestação

O “Linhão” como infraestrutura assegurada pelo Estado: intervenções oficiais nos territórios tradicionais que provocam desestrutururação nas formas de organização social e devastação de ecossistemas



Todas essas áreas estão tituladas para Parques Eólicos. O PE Belágua é diferente um pouquinho porque, até então, **ele está cortado por linhas por distribuição de energia.** Aqui nós temos a C1, ela entra lá pelo município de Paulino Neves, do lado de lá, vindo de Barreirinhas que, na verdade, sai lá de Bacabeira. A C1 sai lá de Bacabeira e corta, entra lá pela parte das Cachoeiras, ai do Carmo, Cutia, Pindaíba, Cabeceira e Belágua. Em Belágua ela atravessa e pega uma parte de Curralinho e passa pelo meio de Mutamba, Mumuma e Mamuí, isso a C1. No mesmo assentamento lá um pouco mais pra cima passa a C2 que também sai de Bacabeira, ela vai cortar, ela passa em Boa Esperança, Tiúba, dentro no município Paulino Neves, ai vem

lá pra comunidade Ananás e a comunidade Surrão, desse lado, **que ela corta dois rios no município, que é o rio Barro Duro e lá em cima está o Rio Carrapato que corta aquela região.** Desse lado está a comunidade do Cocal que faz limite lá e a comunidade São Gregório.

É importante dizer que esse linhão futuramente, é um linhão que vai reforçar a C2. Aqui no Mamuí ela vai se juntar a C1. A C2 só no Piauí numa cidade do Cajueiro, parece que é Cajueiro. **A C1 vai se conjugar com a C2.** O certo é que quando chega no Ceará essas linhas aqui ela vai ter somente uma dimensão, ela vai em uma só dimensão. Aqui são os povoados, alguns pontos colocados. Além dessas linhas existem a questão das **servidões das linhas.** Em primeiro momento eles usam 4 metros no local, que é o local onde passa os carros para poder colocar as torres, isso no período da construção das torres. Depois, cada ponto de torre são 50 metros quadrado, por exemplo, se a torre é aqui eles cortam 50 metros pra poder colocar as torres. **Essa parte aqui é a parte de servidão que é de 55 metros, sendo vinte e sete e meio para um lado e vinte e sete e meio para um lado. Essa área de vinte e sete e meio se torna propriedade da empresa.** Em qualquer região que passa é assim que funciona.

(Depoimento Raimundo Nonato Soares da Silva de Anajazal, Belágua, no STTR de Barro Duro em outubro de 2019)

2. Direitos e Conflitos: a defesa de um território de pesca que defenda os direitos dos chamados “pescadores artesanais” e que garanta a autonomia produtiva das roças

Aqui é a ilha do Apurador, que já é descendo de quem vai no sentido Barreirinha, Paulino Neves. Vai descendo aqui, aqui tem uma curva à praia, nós sabendo dessa curva e aqui já é um povoado, voltando para Tutóia, é povoado de pescador. Tinha um campo muito bonito, que muitos animais sobreviviam, tinha lagoa e tinha muito peixe d'água doce nessa região. Mas a depredação vem acabando o morro, vem aterrando toda essa região aqui. O mar sofre muito com a ação dessa areia aqui. Tem uma praia aqui que a gente chama de Praia do Caju que são sete léguas de praia. Então essa areia que chega aqui ela se acumula aqui e esses manguezais protegem os canais. **Mas tem projetos que diz que vai criar um cais saindo aqui na Andreza, na linha do Cajueiro para fazer um Porto Transatlântico, que mais tarde viria a ser um escoamento do Porto do Itaqui** que está com a demanda defasada. **Então se for, é muito maléfico para toda essa região de pescaria** aqui, porque essa área aqui ela já está seca, do que nós conhecíamos para o que é hoje, ela está seca, secou muito. Isso ocorreu devido os grandes navios fazerem esse trânsito, vai ter que ser preciso dragar é muita terra. Se dragar vai mexer com toda essa estrutura de pesca aqui, da cidade e do entorno porque aqui essa região não é só Tutóia que pesca, Paulino Neves pesca, Araiões pesca. Então vai mexer com a estrutura de pesca da cidade como um todo, porque nessa região, pesca Paulino Neves, Água Doce pesca, Araiões pesca, Bom Gosto pesca e **toda essa região pesca dentro**

desse limite, que é de pesca artesanal, porque saindo da pesca artesanal e indo para o mar aberto, aí são todos os estados do país. **Quando essa Dragamar entrou aqui dizendo que era área improdutivo, que esse produto era morto, a gente bateu forte nessa tecla: por que como que é improdutivo e todos os barcos do país pescam aqui?** E aí se torna ariscado quando a grande produção vem, eles adentram a nossa área de pesca artesanal, e quando eles depredam os nossos materiais não têm como repor. Os barcos deles são mais fortes. Destroem nosso material de pesca e vão embora, a gente não chega neles. Destroem o nosso material de pesca, nossa caçueira. Então a gente fica no prejuízo. É nós que vamos ter que, com nossas forças, refazer o material, sem falar que eles entram aqui e levam tudo. Então eles entram aqui, depredam a nossa região e vão descarregar lá nos seus Portos de origem. Então esse Portos de origem que vão ficar com os impostos. Essa área de manguezal aqui, que a exploração de caranguejo é muito forte, passa por Água Doce, por Cajazeira, vai descarregar lá na Parnaíba, quem fica com os impostos? Parnaíba. Nossa área está defasada, **Tutóia fica defasada, tanto na área de pesca, quanto na área de manguezais**. E nós sempre batendo na tecla sobre isso aqui, muitas das vezes a gente nem é compreendido. Eu pego nome de doido por defender essas coisas, mas a gente vai levando.”

(José Altair Marques – Sr. Zezé, Tutóia, CPP)

A chamada Área de Servidão: quando os “linhões” cortam as roças

“Eles fazem o seguinte, a primeira coisa eles sentam com a comunidade e eles propõem, quando eles fazem o mapeamento eles já sabem, por exemplo, dentro da área Aço do Meio eles pegaram 18 hectares, foi montada quatro torres, foi mais ou menos umas seis roças ali dentro daquela área. No primeiro momento eles quiseram fazer uma negociação. São quatro torres, a empresa paga o valor x, mas eles tentaram esconder as roças. Quando houve a conversa, as coisas se separaram, **começaram a medir as roças. Só que os valores que eles determinaram pra cada roça eram muito baixos, e terminou o povo pegando esses valorezinhos**. Por exemplo, uma roça de duas linhas, essa roça foi cortada no meio, eles ofereciam em torno de R\$ 1.200,00 por cada roça com 52 metros. Sendo que na cartilha deles, da empresa, dizem que toda essa área de servidão, até o momento que não está funcionando, o trabalhador pode fazer pequenos serviços rasteiros, por exemplo, ele pode plantar capim, pode plantar alguma árvore que não chegue a 13 metros de altura. Só que como está lá consumado, ele diz que não pode nada disso, foi um deus me defenda. Só pode colocar roça, só a partir dos 25 ou 27 e meio para frente, isso quer dizer que os produtores perdem muito nessa área de servidão. **A partir do momento, por exemplo, que a C1 e a C2 já estiverem implantadas, e já em funcionamento, não se pode mais usar as área para roça, nada disso se pode**. Vem de Bacabeira, a C2 vai direto pra Parnaíba, passa em Cana Braba, atravessa ali o lago João Peres. Mas a C1 e a C2 vão para Pecém, para Pecém no Ceará.”

(Pedro Oliveira da Costa, Povoado de Dendê/ Santa Clara dos Comuns/ STTR de Tutóia, em outubro de 2019)

Quando as associações vendem as terras: novas formas de grilagem facultadas com a chegada dos empreendimentos

Quando as associações vendem as terras: novas formas de grilagem facultadas com a chegada dos empreendimentos A área nova ela tem 1020 ha, a associação nova, que foi criada agora, tem só dois anos, ela está praticamente mata virgem, tem apenas cerca de 80 agricultores trabalhando dentro dela, fazendo roça. Por causa de alguns desses projetos que foram feitos, que não trouxeram nenhum desenvolvimento para nós, começaram a fazer pequenos sítios, outros fazendo chácaras, começaram a vender para os próprios moradores. Só que as pessoas que compraram não são nenhum morador daqui do município do povoado Barro Duro, são todos de fora, o que eles fizeram? Hoje eles compram por 30, 50 na margem do rio, eles pegam o resto para cima do terreno. Se tem lá cem metros eles vão cercando tudo, dizendo que são deles e o pessoal que trabalhava nessa área, eles estão mandando sair. É o caso dessa associação, foi criada por causa dessa situação, porque tem um senhor que comprou 20 metros

por 40, ele diz que tem 400 hectares lá dentro dessa área aqui, que não existe. Então por causa desse desmatamento aqui vem prejudicando o rio, o rio tem várias raiais, o rio se você sair dessa ponte aqui, antigamente você não podia andar se não fosse de canoa ou de bote, hoje não, você anda no rio quase todo com água na metade do joelho por conta desse desmatamento desregular. Esse mesmo serviço aqui ó, botando fogo, é roçando, fazendo tudo que não deve na margem do rio e cada vez mais o rio está aterrando, esse mesmo problema que acontece na margem do rio acontece com eles também. Essa croa no meio desse rio ela era pequena, agora ela já está com quase meio quilometro dentro do rio e cada ano que passa ela cresce. Essa daqui também era inexistente, hoje ela já existe, sendo que é na frente da área deles, do povoado deles, exatamente como funciona esse desmatamento aqui, no decorrer da margem do rio.

(Jardel Veras da Silva Associação Capadão, Barro Duro, outubro de 2019)

3 – Afirmação de identidades étnicas e autonomia das atividades produtivas como a roça e a pesca



Do alto dos seus 95 anos a senhora Maria da Mata da Paz apresenta-se como bisneta de uma indígena Tremembé. Não a conheceu em vida, mas seu avô materno, João da Mata, contava aos netos que os índios moravam num lugar chamado Fazenda Velha e que sua mãe, para não ser aprisionada, fugira em direção ao engenho Boa Esperança para pedir socorro ao senhor Inácio Gomes, dono do engenho.

Com uma forte indignação, dona Maria conta que sua bisavó foi “pega na Boa Esperança a troco de cachorro”. Atualmente ela reside na Comunidade de Dendê, localizada dentro do PA Santa Clara Comum. Dendê já foi conhecida como Capoeira em referência à grande incidência do trabalho de roça, praticado por muitas gerações da sua família, conforme se depreende do excerto de entrevista abaixo transcrita.

Pergunta: a senhora é daqui mesmo, dona Maria? Nascida e criada aqui?

Sra. Maria da Mata: sou nascida e criada aqui, estou com 95 anos. Agora aqui chama

Dendê, depois da comunidade. Antes era Capoeira porque aqui era capoeira mesmo, era de roça, era de roçar. Eu sempre plantei, trabalhava de roça. Eu e meu marido.

Pergunta: e toda sua família morava aqui? Quantos irmãos a senhora teve?

Sra. Maria da Mata: toda família morava aqui. Nós éramos treze irmãos. Mas já morreu e só tem três vivos, é eu, o compadre Pedro e o Bianco.

Pergunta: seu irmão Pedro nos disse que a bisavó de vocês era Tremembé, eles moravam aqui?

Sra. Maria da Mata: os índios não moravam aqui. Eles moravam na Fazenda Velha, que era a mãe do meu avô que era índia Tremembé.

Pergunta: a senhora conheceu a sua avó?

Sra. Maria da Mata: não conheci não.

Pergunta: e o que eles contavam sobre ela?

Sra. Maria da Mata: o que eles contavam dela é que meu avô disse que ela foi **pegada na Boa Esperança à troco de cachorro**, que ela era índia velha.

Pergunta: e a Boa Esperança não era um engenho?

Sra. Maria da Mata: era, era do Inácio Gomes. Ela morava na **Fazenda Velha** e vieram pegar os índios e aí ela correu. Correu e foi parar na Boa Esperança, **se escondeu na Boa Esperança**.

Pergunta: e lá na Fazenda Velha tinha outros parentes dela? Sra. Maria da Mata: tem ainda, os parentes dela moram lá. A velha Alexandrina, que era irmã do meu avô. Mas é muita gente, que eu nem me lembro do nome. Era gente do meu avô, **João da Mata da Paz**. Antes eram só os parentes dela que moravam lá, agora já tem muita gente. Eles viviam lá de roça, meu avô morava lá. A mãe do meu avô foi para Boa Esperança **escarrerada** porque iam pegar os índios. Ela foi pra lá procurar Inácio Gomes e pedir ajuda pra ele e depois ela voltou para Fazenda Velha e lá morreu.

Pergunta: e como era o nome da sua mãe?

Sra. Maria da Mata: **Vitorina Ferreira Lima**.

Pergunta: a senhora conhece seu Biné, que mora lá em Tutóia?

Sra. Maria da Mata: O Biné? **Biné é meu primo**. A mãe de Biné trabalhava pro Inácio Gomes na Boa Esperança, ele era padrinho do Biné. **A mãe do Biné era prima da mamãe. Era tia Tomásia**.

(Entrevista, outubro de 2019, Comunidade de Dendê)

Conhecida como Maria Grande, ela é irmã do senhor Pedro Da Mata e prima dos Senhores Conrado, da comunidade Fazenda Velha e Benedito da Conceição Almeida, seu Biné, afilhado do herdeiro da fazenda Boa Esperança, Inácio Gomes.

Dos doze irmãos que Dona Maria Grande teve, apenas dois estão vivos. Além de morarem na mesma casa dona Maria trata seu irmão Pedro por compadre. – “Compadre Pedro”, é assim que a ele se refere sempre com muita ternura.

Entrevista com o Senhor Pedro da Mata no Sindicato dos Arrumadores de Tutóia e Araisos em setembro de 2018



Os senhores Durval Tremembé e Pedro da Mata, em frente ao Sindicato dos Arrumadores de Tutóia conversando sobre os “parentes” Tremembé. O senhor Durval, que atualmente reside no município de Raposa, é uma conhecida liderança que luta em defesa do direitos dos povos indígenas e o senhor Pedro da Mata é brincante da conhecida Dança do Carço e pescador.

Pergunta: qual a brincadeira que o senhor faz?

Pedro: é a brincadeira dos tempos que a princesa Isabel liberou os negros. Aí ficou essa dança do Carço.

Pergunta: o senhor faz a dança?

Pedro: faço. A dança que se chama Carço. Essas mulheres de São Luís, nós fomos, brincamos, um tempo desse, fomos para São Luís, brincamos com umas mulheres do Rio de Janeiro, disse que era prá nos ir pra lá, nós não fomos. Tem outra música assim: “você mandou cantar, pensava que eu não sabia, você mandou cantar, pensava que eu não sabia, eu era como a cigarra, quando não canto assobia. Eu venho de areia branca, minha canoa é o mar, eu moro lá na Tutóia, cidade de Beira Mar” (Pedro da Mata).

Pergunta: o senhor disse que os índios que moravam aqui, todos morreram, os mais velhos morreram, e agora ficaram esses no lugar dos que morreram?

Pedro: é, ficaram só esses mais novos desses tempos para cá.

Pergunta: mas os índios morreram?

Seu Durval: ele é índio também.

Pergunta: agora o senhor está dizendo pra gente que o senhor é índio também?

Pedro: **é, sou índio por causa da minha bisavó.** Minha bisavó foi pegada a dente de cachorro, lá na Boa Esperança.

Pergunta: ah, sua avó foi pega lá na Boa Esperança?

Pedro: É, lá na Boa Esperança pra lá de Tutóia Velha. Lá na Tutóia Velha esses que moram aqui, moravam lá. Aí abandonaram lá e fizeram essa Tutóia aqui, a Tutóia Nova. Porque tem a diferença de Tutóia Nova e Tutóia Velha. **A Velha era onde os índios viviam.**

Pergunta: aí tinha uma cadeia para os índios?

Pedro: é, lá era pra tudo, o que merecesse ia pra lá.

Pergunta: e por que eles faziam isso com os índios?

Pedro: Não, era por causa dos negros, **porque nesse tempo aqui era os negros, sabe? Os Terembembé de primeiro era os negros.** Meu avô olhava os negros. Meu avô dizia: quando chegasse lá no patrão e ele dissesse que o negro não estivesse trabalhando, aí cortava a bunda, botava sal e batia com a tábua assim. Meu avô me contava e eu era menino, ficava encostadinho nele assim, eu era pequeno e ele conhecia (...) aí quando a princesa Isabel coisou os negros foi

“O coco babaçu é bicho que dá dinheiro, bota o bagaço no mato, o azeite para o cabelo. Nêgo velho charuteiro, é bom para sapatear, nove noite de novena para os caboclos batucar, roda nêgo branco não vai entrar, se entrar pau vai levar. Essa que é a dança dos terembembé. Eu cantei, eu ia dançar, bater a caixa para elas dançarem”.

(Cantiga do Carço, cantada por seu Pedro da Mata durante a entrevista)

que, aí pronto, **todo mundo ficou liberto.**

Pergunta: mas seu Pedro, o senhor já ouviu falar quem chegou primeiro aqui, se foram os negros ou se foram os índios Tremembé?

Pedro: agora aqui eu não sei, mas ali, quando fizeram essa Tutóia aqui, eles moravam na Tutóia Velha. Aí se mudaram pra cá. Aí foi o tempo que acabou os negros, os índios. **Aqui na praia, nessa praia aqui que desce é onde os índios moravam,** lá aonde eu morro assim. Lá pode ir lá por cima morro, **tem um monte de casca de ostra lá que deixavam.**

Durval: o senhor se lembra o tempo que aquela igreja de Tutóia Velha foi feita?

Pedro: aquela ali não tem quem conte, faz muitos anos, ninguém acerta.

Pergunta: e aquela Igreja da Tutóia Velha?

Pedro: aquela igreja mamãe conta que as tinha as zeladoras.

Pergunta: a sua mãe é zeladora da igreja é?

Pedro: não, **a mamãe conta as histórias dos tempos dos Terembembé.** Os Tremembé que eu chamo são os antigos. A mamãe disse que uma mulher daqui se chamava Candinha, era rica. Aí ela fez uma promessa, morava em Tutóia Velha e se mudou pra cá. Aí ela fez uma promessa, disse que apareceu um negócio na venta dela que não sarava. Aí ela fez a promessa. Se a venta dela sarasse, ela ia fazer o festejo dela lá na Tutóia Velha. Aí com dois dias ela sarou. Aí quando foi **no tempo de fazer o festejo em dezembro.** Aí quando foi no tempo do festejo ela foi buscar. Diz que ela ia buscar, que ela não iria para aquelas capoeiras não sei o quê, **mandou buscar a santa pra fazer o festejo aqui, na Tutóia Nova.**

Pergunta: ela estava chamando de capoeira a Tutóia Velha?

Pedro: sim. Aí, olha lá, achei a santa. **Quando chegou no meio do caminho a santa virou a costa pra Tutóia Nova,** virou a frente pra lá e a costa pra cá, não queria ir. Aí botaram ali na Igreja para o festejo dela. Quando chegaram bem cedo: “cadê a santa?” Só tava o altar. Aí ela mandou uma pessoa ir lá reparar. Chegando lá, ela estava lá no altar da Tutóia Velha. Aí ela trouxe de novo até que a santa parou. Aí ela trouxe de novo e fez o festejo. No dia que ela acabou de fazer o festejo a venta dela voltou a ferir, ela veio debaixo dessa. Voltou, porque ela não cumpriu, ela não fez como era, porque **era pra ela pagar o festejo era lá na Tutóia Velha** e não era aqui. Aí diz que no dia que ela acabou de fazer a promessa ela morreu. Voltou a doença toda. A santa lá da Tutóia Velha era viva. Meus parentes eram da Tutóia Velha (...) **É, porque meu avô era dos negros e tinha parente dos terembembé velho, dos Terembembé.** Aí o meu pessoal mais velho tudo era, nós éramos coisados por causa disso. Minha bisavó foi pegada a dente de cachorro, mas era índio. Meu sangue ainda tem índio de pouco. Pouco, mas tem, porque minha mãe também era das coisas.

0°W

42°6'0"W



Projetos de Assentamentos	Formas Organizativas
<ul style="list-style-type: none"> Limites Oficiais dos Assentamentos Comunidades do PA Barro Duro Comunidades do PA Belágua Comunidades do PE Sta Clara/Comum Comunidades do PE São Francisco Comunidades 	<ul style="list-style-type: none"> Colônia de Pescadores (AS) z-17 de Tutóia-MA Colônia dos Pescadores em Paulino Neves Z-57 Sindicato Barro Duro Sindicato das Mulheres Curralinhos Sindicato dos Pescadores Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar do Município de Tutóia- MA Sindicato dos Arrumadores de Tutóia e Araioes/ MA Sindicato dos Pescadores em Paulino Neves - 018
Antigo Aldeamento Tremembé	
<ul style="list-style-type: none"> Tutóia Velha 	
Tremembés	
<ul style="list-style-type: none"> Dendê Itaperinha Mangueira Tutóia Velha Fazenda Velha Passagem de Magú 	
Comunidade Quilombola / FCP	
<ul style="list-style-type: none"> Itaperinha 	
Referência aos Antigos Engenhos	
<ul style="list-style-type: none"> Dendê Bom Gosto Comum Córrego Itaperinha Mangueira Tutóia Velha Fazenda Velha Barro Duro 	
Impactos da Implantação	
<ul style="list-style-type: none"> Complexo Eólico Delta Canteiro de Obras Cortez Engenharia A 12 km Construção da LT Bacabeira PECÉM (Município de Água Doce) Placa da Argo/Cobra Placa e Cercamento Área de Aterramento Parque Eólico em Fase de Implantação Povoado Vista Alegre. Futuro Parque Eólico Vienergy Cercamento Expulsão dos Pescadores Próximo a Subestação Proibido a Retirada de Peixes e Outros Animais do Local Impacto na Criação de Animais Desova das Tartarugas Novo Aeroporto Pedaco de Navio Subestação da Eletronorte Torres Eólicas Torre Eólica Caída Colisão e Morte de Pássaros Torre de Experiência para Possível Implantação da Torre Eólica Implantação de Novas Torres Torres de Energia Área de Serviço Impedimento do Roçado Linhão Bacabeira-Ma São Gonçalo-CE Linhão Paulino Neves-MA Miranda do Norte-MA 	
Antigos Engenhos	
<ul style="list-style-type: none"> Boa Esperança Paulino Neves 	
Antiga Salina	
<ul style="list-style-type: none"> Igoronhon / Imobilização da Força de Trabalho 	
Territorialidades	
<ul style="list-style-type: none"> Casa de Forno Cemitério Igreja Praça Tremembé Terreiro Santa Bárbara Dança do Caroço Dança da Siriema 	
Conflitos no Território Aquático	
<ul style="list-style-type: none"> Portos Oceana Calcário Mar Tritura Calcário Barcos de Pesca Artesanal Embarcações de Pesca Industrial Impacto na Produção do Pescado Navio Encalhado Aline Ramos 	
Teste para Extração de Petróleo	
<ul style="list-style-type: none"> Petróleo 	
Avanço do Turismo	
<ul style="list-style-type: none"> Resort em Ilhas Rota das Emoções 	
Unidades de Conservação	
<ul style="list-style-type: none"> Parna dos Lençóis Maranhenses Resex Marinha Delta do Parnaíba APA Delta do Parnaíba APA Foz do Rio Preguiças 	
Convenções Cartográficas	
<ul style="list-style-type: none"> Sedes Municipais Rodovias Hidrografia Municípios da Pesquisa Limites Municipais Mangue Dunas 	

Entrevista com o senhor Benedito da Conceição Almeida, em sua residência na cidade de Tutóia, em setembro de 2018



Senhor Benedito da Conceição Almeida, seu Biné, em sua casa em Tutóia

Benedito da Conceição Almeida, seu Biné, descreve com precisão o “tempo dos majores” em alusão ao contexto histórico de estruturação de fazendas e engenhos na região do Baixo Parnaíba cujos “títulos de terra” foram outorgados pelo Imperador como recompensa a serviços guerreiros prestados durante a Guerra do Paraguai. O Major Doroteu teria sido, segundo contam os “antigos”, beneficiado por serviços prestados ao Império, tornando-se dono do engenho Boa Esperança. Seu filho, Inácio Gomes, tornou-se dono da Boa Esperança e também compadre da mãe de seu Biné, a senhora Tomásia porquanto ela lhe confiara seu filho Benedito como afilhado.

Pergunta: então vamos começar, porque a dona **Maria Joana** quando ela falou pra gente ter essa conversa com o senhor, ela nos disse que o senhor conhece muita da história daqui de Tutóia. É isso mesmo?

Biné: eu conheço, do meu tempo para cá eu conheço.

Pergunta: o senhor nasceu em que lugar aqui em Tutóia?

Biné: eu nasci num lugar aqui no município de Tutóia chamado de nome Santa Clara (...). É, Santa Clara, muita gente veio de Buritizal e tem a Boa Esperança. Boa Esperança era uma fazenda, assim tipo uma fazenda do cidadão que se chamava Major Doroteu. Ele tinha um engenho que moía cana.

Pergunta: e o senhor chegou a conhecer esse engenho funcionando ainda?

Biné: conheci, funcionando. Meu pai trabalhava lá (...) Trabalhava lá na casa do cidadão. O meu pai era afilhado dele, **meu pai era afilhado do filho do Major Doroteu** que era o pai de Inácio Gomes de Almeida. E quando meu pai nasceu, minha avó levou ele lá e disse que era pra ele ser padrinho do menino. E ele, Inácio Gomes, disse pra ela que, quando o nome dele fosse registrado, para registrar como Ermenegildo Conceição de Almeida.

Pergunta: então ele levou o sobrenome do padrinho?

Biné: é, o padrinho foi que deu. Ai, assinaram o nome dele, **mas ele é filho de Cearense. A minha mãe é daqui de dentro do município de Tutóia.**

Pergunta: qual o nome da sua mãe?

Biné: **Tomásia Conceição Almeida.**

Pergunta: deixa eu só lhe perguntar uma coisa, mas esse Major Doroteu que o senhor falou que era o dono desse engenho, Boa Esperança é o nome do engenho?

Biné: é, agora não tem mais não, acabou.

Pergunta: acabou, mas esse Major é o mesmo Inácio Gomes de Almeida?

Biné: pai do Inácio Gomes (...). É, porque **quando terminou a guerra do Paraguai, os que foram combater a guerra, o governo man-**

dou dar, para cada um, um pedaço de terra. Para cada um dos que foram. Tinha muito que era general, coronel. Aqui coronel tinha demais defendendo o exército. Os que não tinham, como se diz, entrado lá pra estudar e tudo tinham condição e compravam a patente de coronel ou de major. **Mas lá o velho tinha patente porque foi na guerra.** Ai ele ganhou um pedaço de terra lá e ficou trabalhando. Montou um engenho, estava fazendo muita cana e tudo. Mas **depois que acabou a escravidão, ai acabou tudo porque nesse tempo os fazendeiros tudo comprava escravo para trabalhar.**

Pergunta: então quer dizer o major Doroteu, quando acabou a guerra do Paraguai, ele recebeu por parte da Coroa Portuguesa um pedaço de terra, criou esse engenho, montou esse engenho e esse engenho funcionou muito bem até o fim da escravidão?

Biné: foi, **eu já era nascido e o engenho ainda funcionava.**

Pergunta: e o senhor nasceu em que ano seu Biné?

Biné: **eu nasci em 1928**, no mês de novembro. (...)

Pergunta: Mas esse ai, pelo lado do seu avô paterno que veio do Ceará, o senhor falou que não sabe de que local exatamente, mas eles nunca falaram sobre nenhum povo indígena lá do Ceará?

Biné: Não, mas já ouvi falar, **diz que lá no Ceará tem uma tribo de índio Tremembé.**

Pergunta: Lá no Ceará tem. E os Tremembé daqui de Tutóia? Qual essa história dos Tremembés aqui em Tutóia?

Biné: Porque aqui em Tutóia, o local não era aqui. Era em Tutóia Velha, **os Tremembé moram em Tutóia Velha.** Então, de lá eles começaram a vir pra cá e formaram a cidade aqui porque aqui era porto de embarque. Embarcava mercadoria do Piauí, do Ceará, daqui da comunidade do Maranhão, embarcava aqui pra vender mercadoria que ia para o exterior. Ai, **o que veio pra cá que fundou aqui a cidade chamava de Paulo Neves, coronel Paulino.** Tinham dois coronéis, coronel Arthur e coronel Paulino. Ai, depois que eles chegaram aqui botaram o nome daquela praça ali. Eu cresci ali aquela praça era só um, não tinha nada nela, sabe? Ai depois que o cara veio, prefeito ai, fez a praça, ai botou praça dos Tremembés.

Dona Maria Joana e os parentes Tremembé em Tutóia, indicações precisas a Rosa e Durval Tremembé



Fotos no quintal de dona Maria Joana na Raposa. Rosa Tremembé e Dona Maria Joana na foto à esquerda. Foto superior: Patrícia, Maria Joana, Rosa e João Damasceno. Foto inferior José Caldas, Patrícia, Maria Joana, Rosa e Pedro.

“Dona Maria Joana foi uma pessoa muito importante para nós. Ela, uma Tremembé de Tutóia, morou muitos anos em Raposa. Hoje não está mais presente entre nós, faleceu em 2019. Mas dona Maria Joana foi uma pessoa que contribuiu muito com a nossa luta, que contribuiu com a nossa história. E ela também foi ponte, de nós, **os Tremembé da Raposa com os Tremembé de Tutóia**. Através dela, chegamos aos **parentes de Tutóia que contaram a nossa história e que a gente passou a conhecer**. Sempre que tinham reuniões nossas, Encontros, aqui em Raposa, tínhamos sempre aquela lembrança de convidar Dona Maria Joana para estar conosco. E tínhamos o prazer de ouvi-la, **cantando na língua**, cantigas. E, entre elas, uma que ela fala de Tupã onde ela aprendeu na Igreja, ainda menina, onde ela aprendeu na escola e trouxe isso em sua memória e dividiu com os

parentes cantando em nossos Encontros. Foi uma pessoa muito importante para nós, uma mulher forte, lutadora, ela tinha muita vontade de retornar à sua terra natal em Tutóia, para ficar morando por lá, mas hoje ela está em outro local, Dona Maria Joana hoje é uma Encantada”.

(Depoimento de Rosa Tremembé em homenagem póstuma a Dona Maria Joana, 2020)

Assim como a Sra. Maria Joana, a Sra Magnólia, Tremembé do Engenho, uma comunidade localizada no município de São José de Ribamar, também contribuiu com a localização dos parentes Tremembé em Tutóia. E sua mãe, com seus 84 anos, a Sra Rosa Maria Alves da Silva, guarda em sua memória melodias e letras de música na língua Tremembé. Em 2018, antes de realizarmos as viagens para as comunidades do Baixo Panaíba muito foram as pessoas com quem procuramos conversar na intenção de localizar parentes Tremembé atingidos pelo Parque Eólico.

Dom Valdecy, na foto ao lado, está em companhia de Rosa Tremembé. Ainda em 2017, ele procurara os pesquisadores do PNCSA no Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia (UEMA) para a realização de um trabalho com os pescadores atingidos pelo parque eólico.

A foto ao lado registra uma casualidade posto que, já em atividade de pesquisa, uma equipe de pesquisadores do PNCSA com ele encontrou na cidade Tutóia.





Tido como referido a família dos primeiros moradores de Fazenda Velha, o Sr. Conrado é considerado como conhecedor das histórias dos “antigos” e teve grande atuação frente às formas de imobilização da força de trabalho na extinta empresa Igoronhon. Ele é primo de dona Maria Grande, seu Pedrinho, seu Biné e seu Raimundo Nonato.



Falecido em 2019, Senhor Raimundo Nonato Conceição da Luz era sobrinho do senhor Benedito da Conceição Almeida, seu Biné. Segundo seu filho Cleiber Nunes da Luz, essa foto mostra o trabalho de seu pai em bater caixas para os impérios na festa do Divino Espírito Santo em Tutóia Velha.

Referência às atuais comunidades como relacionadas às territorialidades indígenas:

“A Passagem do Magu, era lugar que os índios passavam. Cana Brava tinha um lugar que eles ficavam e iam para a festa lá em Tutóia Velha. Os nomes Carnaubeira, os índios que deram, tinha muita Carnaúba; foi batizado Carnaubeira. Em outro lugar cavavam o chão para beber água, alguém disse que o barro era duro, aí o nome ficou Barro Duro. Depois o outro lugar que os índios botaram o nome foi Bom Gosto, pescaram um peixe bom e botaram o nome de Bom Gosto”

(José Ovídio da Conceição Barroso, setembro de 2018, Tutóia)



Dona Catarina e sua irmã dona Bárbara na Comunidade Quilombola de Itaperinha

Pergunta: como chama aqui?

Catarina: **Associação Quilombola do Povoado de Itaperinha**

Pergunta: quando que virou Quilombola?

Catarina: 2008.

Pergunta: mas foi certificada pela Fundação Cultural Palmares?

Catarina – Sim. (...)

Pergunta: eles eram daqui de Itaperinha? (referências aos avós)

Catarina: daqui de Tutóia Velha. Essa Itaperinha, São

Roque, tudo é uma região só. Meu pai falava que aqui era muito mato, não se tinha ninguém morando. Aqui tinha uma família de gente, ai essa família de gente morava aqui, que era **terra de índio** essas coisas assim. **Ai meu avô, que era pai do meu pai, morava em Barro Duro.** Minha mãe diz que meu avô veio de lá em um período de uma seca, ele veio para cá passear e achou muito brejo, a terra muito bonita, ele comprou um pedaço desta pessoa, agora eu não sei dizer se era Manuel Vicente ou Zé Vicente, o dono daqui. Era um casal de gente que morava aqui (...) Ele (o avô) trouxe os filhos de lá, veio fazer roça, a família foi crescendo fazendo família, casa, ai foi continuando aqui. Aqui mais tempos atrás, não se tinha pessoas diferentes, era só uma família, a família de Agostinho, meu pai e meus irmãos. Família de Joaquim, que era meu pai, a de Luísa que era minha tia, irmã do meu pai. A família de Merciana e Genoveva, Sebastiana todas irmãs do meu pai. E Bernardo, mas ele já morava mais para lá para aquela terra de Dendê. Ele que já casou com uma pessoa diferente, ele foi buscar Deomira na roça velha, ela era mãe de Elsa, **Elsa do Caroço, minha prima legítima**, que era sobrinha do meu pai. Ai ficou e foi crescendo, filhos já foram pegando pessoas de outra família, começou misturar e ai estamos aqui.



4 – IGORONHONS: a mobilização sindical em face a formas de imobilização da força de trabalho no contexto da produção em larga escala de sal marinho

Entrevista com o senhor Vicente, presidente do Sindicato dos Arrumadores de Tutóia, setembro de 2018.

Pergunta: imagino que essa história do Sindicato tenha passado por diferentes períodos.

Vicente: olha, quando terminou esse negócio de sal, nós ficamos trabalhando em terra mesmo, carregando os caminhões com as mercadorias, continuamos carregando, só não o sal. Mas antigamente vinham mercadorias de São Paulo, vinham de navio. Os arrumadores que faziam o trabalho. Depois veio esse negócio de Igoronhões, nós já estávamos organizados, fomos para Igoronhões carregar navio. Aí acabou essa atividade, aí nós passamos a carregar terrestre.

Pergunta : aqui é uma área portuária, a cidade começa a se organiza através do porto?Tinha a exportação do sal, vinha muita mercadoria de navio?

Vicente : era, vinha, ia para outros municípios, vinha pegar carga aqui, de lá para cá.

Pergunta: quais as grandes produções?

Vicente: foi sal, depois foi mercadorias a granel, castanha, milho, feijão, farinha. Era navio de alto

escalão.

Pergunta: e as castanhas?

Vicente: vinha da nossa produção, aqui do interior de Tutóia.

Reunião no Sindicato dos Arrumadores de Tutóia e Araiões em setembro de 2018 com a participação de associados do sindicato e da Colônia de Pescadores: sr. Vicente (presidente do sindicato), José de Ribamar Coelho, Toinho, José Ouidio da Conceição Barroso, Druval Tremembé, Rosa Tremembé, Cynthia Martins, Patrícia Portela, Pedro da Cruz, dentre outras pessoas que participaram de parte dessa longa reunião que durou uma manhã inteira.

Senhor Raimundo, de Santo Antônio fala do período que trabalhou no Igoronhões, em entrevista em sua residência em setembro de 2018

Pergunta: e vocês trabalharam algum tempo com salina?

Raimundo: trabalhamos demais. Eu mesmo fui aposentado por negócio de sal, começamos a trabalhar em salina, colhendo sal, aí depois passamos para os sindicatos. E me aposentei pelo sindicato.

Pergunta: a gente teve lá de manhã conversando com seu Vicente, mas a produção de sal, sua aqui da sua família, vocês vendiam para aquela empresa?

Raimundo: não, trabalhávamos no Igoronhões. A gente ia carregar os navios, nós trabalhávamos 600 homens pra carregar um navio de 56 mil toneladas, **era 8 dias com 8 noites, para carregar esse navio, nas costas com umas sacas de sal, carregando na fila, subindo aquelas escadas, parecia saúva.**

Pergunta: quais eram as atividades que vocês faziam nas

salinas?

Raimundo: tinha o pessoal que fazia aquelas paredonas, assim alta, pra meter aquela água dentro para coar aquele sal. Era outra turma que fazia isso daí. E nós íamos quebrar o sal, transportar para os armazéns.

Senhor Conrado, de Fazenda Velha fala do período que trabalhou no Igoronhões, entrevista em sua residência em setembro de 2018

Pergunta : hoje conversamos com seu Vicente, do sindicato dos arrumadores.

Conrado : onde ? no Santo Antônio?

Pergunta : não, lá na Tutóia

Conrado: Sim, o presidente.

Pergunta: o senhor foi pescador. E nesse tempo das salinas, o senhor participava?

Conrado: não senhora, para quebração em salina eu não trabalhei não. Esse negócio de quebrar sal na salina eu não participei, mas eu carreguei foi muito sal, quando entrava navio, vivia lá do sindicato, com Vicente, era só na saca, **eu fiquei doente das minhas costas só de carregar peso**. Era as sacas de sal para o navio, era só nas sacas, carregando peso, era muito ruim. **Precisava uns seissentos homens para carregar um navio, navio de 4 mil tonelada, 5 mil tonelada, era aquela fila, ninguém sabia quem era companheiro não**. Era só na base do corno e filho de uma égua, era assim como eu to dizendo, pode acreditar que é verdade. Pegava e **botava na balança, era 42 quilos cada saca, não podia passar, se passasse de 42 tirava**, mas quando não dava interava.

Pergunta: tinham aqueles que carregavam o sal, aqueles

que quebravam as pedras?

Conrado: chegava na salina, ia prá salina, quando tava quebrando sal, mas não era todo sal, tinha que procurar o sal de consumo para o navio, tinha que procurar, procurar o sal de consumo para colocar no navio, não era todo sal que pegava e botava.

Pergunta : tinha uma qualidade específica?

Conrado: justamente, o sal de consumo, era muita gente, tinha os **quebrador, abotoador e carregador**. (...)

Pergunta: Os homens que trabalhavam, eram daqui?

Conrado: Sim, tudo daqui. **O serviço no sal era pesado**. Cansei de ajudar a carregar navio **e quando anoitecia botava uma palha de buriti e deitava, cansado, cansado (...)** **Aí tinha os fiscais que ficavam vigiando onde nós estávamos, nós se escondia**, mas eles queriam saber onde nós estávamos, queriam que nós voltássemos a trabalhar (...) **Ficava direto no serviço, só vinha quando terminava, até carregar o navio**.

Pergunta: Passava uma semana?

Conrado: Uma semana? Passava era dez dias.

Pergunta: Dormiam onde?

Conrado: Nos armazéns.

Pergunta: Pagavam por dia?

Conrado: Não, **tinha umas fichazinhas, umas fichazinhas assim, metia em um cordão para encher, enchia aquelas fichinhas, dormia com elas com medo dos outros roubarem, cada saca de sal era uma ficha**.

5 – Extrações minerárias de calcário e prejuízos aos pescadores

A empresa de produção de calcário marinho e o discurso de escassez de peixes como estratégia de exploração intensiva de recursos aquáticos

Pergunta: mas e essa exploração?

Seu Zezé: nós poderíamos acionar o Ministério Público, chegar a eles e falar dos problemas, porque assim, eles, a **Dragamar, pra se implantarem eles alegaram que era área improdutiva**. O que eles falaram pra comunidade, porque quando eles se implantaram eu não estava lá, eu cheguei depois, mas a fala deles é que não tem produção nessa área. E uma vez uma assistente social deles conversando, e me chamaram lá em casa e eu fui, aí eu fiquei assistindo um pouco. E eles “não, não tem peixe não, nós colocamos uma câmara aquática lá, passou dois dias e passou um casal de peixe”. Aí eu fui irônico com ela: “então vocês fizeram um muro e colocarão a câmara de vocês entre o muro porque o peixe anda em cardume, não de dois, se aqui é alimento de peixe como aqui só dá dois?” “Se o peixe anda de cardume você não tá condizendo com a verdade? Aí eu abri a discussão. A mulher ficou de cabeça baixa e já queria que eu fosse lá pra dentro da empresa e eu digo “não, eu não tô interessado na empresa, eu estou interessado em defender a área do parque”. Aí já foi uma reviravolta.

(José Altair Marques, representante da CPP, reunião no PPGCSPA/UEMA em 07 de março de 2020)

A exploração ilegal de calcário pela Dragamar

Pergunta: na pesca vocês estão perdendo pela capacidade de produção?

Ovídio: sim e tem aqui o problema do cascalho, esse sim, que vai acabar com a nossa produção. É o chamado calcário, que ajuda na alimentação do peixe.

Pergunta: e eles estão explorando para algo específico, essa empresa?

Ovídio: **ele tem utilidade para vários benefícios, para a questão da soja, do agronegócio.** Aqui a área que é para eles tirarem esse calcário. Tivemos uma discussão com alguns biólogos, principalmente da parte da **Oceânia**, que era a **Dragamar**, na época, que ele disse: “não, isso aqui são algas mortas”. Eu disse: “rapaz isso não existe, não existe algas mortas, elas todas são vivas, **porque todo o peixe do Oceano Atlântico vem desovar nessa área**”. **Aqui ela se torna um Delta**, ela começa em Tutóia, vai até a parte do Ceará e vai até a divisa com o Pará. Então é o seguinte: tem área que tem de 50 a 60 metros de altura só de calcário, e **onde eles estão tirando não é permissão** deles, eles tem uma licença ambiental, agora renovaram para 2021, me parece, inclusive peguei até essa licença em São Luís, na Secretaria de Meio Ambiente, a SEMA. **É o seguinte, onde eles estão tirando não é permitido, eles começaram aqui, mas agora estão subindo.**

(José Ovídio da Conceição Barroso, setembro de 2018, Sindicato dos Arrumadores)

“Naquele tempo eles falavam que Tutóia seria cama de baleia porque era seco. Hoje em dia quem passa à pé?”

(Francisco José O. Martins, Tutóia, Colônia de Pescadores, outubro de 2019)

“Essa área aqui tiram um monte de cascalho, ao tirar essa aqui, se ele tiver com dez metros, futuramente ele vai para cinquenta metros porque tira e ele vai entrar no mar com mais força e acabar aqui a cidade. Quando eu tinha dez anos de idade. Isso aqui é a praia de Tutóia. Essa risca aqui faz de conta que é o mar. Quando eu tinha dez anos de idade, na casa do meu pai tinha um campo de bola e tinha mais outros espaços, hoje essa praia aqui está no lugar que era a casa do meu pai, para você ver o tanto que já comeu a cidade. A minha bisavó morreu com 96 anos, quando ela chegou em Tutóia o pai dela, ela falava pra gente que o pai dela chegou caminhando do Cajueiro e já **naquele tempo eles falavam que Tutóia seria cama de baleia porque era seco e, hoje em dia quem passa à pé?**” (...) Então Tutóia está se acabando. **Eu vou até comprar um terreno em outro lugar, porque Tutóia vai se acabar.** Quem não tem costume de andar na praia, se passar um ano você vê a diferença, o tanto que já comeu. Do bairro São José já se mudou muita gente mais pra dentro da cidade porque lá existia casa, mas não existe mais, é a área que nós pesca lá (...) Isso aqui está se acabando. Tutóia está se acabando e os governantes estão de olhos fechados.

(Francisco José O. Martins, Tutóia, Colônia de Pescadores, outubro de 2019)

As audiências Públicas e o não reconhecimento do reconhecimento dos direitos

Daí vem o problema quando a gente sentou em audiência pública, na primeira vez, que foi **na sede do sindicato dos arrumadores** o que aconteceu foi um contra o outro, porque para evitar **outros impactos ambientais**, que a questão de uma jazida, quero dizer de extração de calcário, acho que vocês têm conhecimento. **As associações e o sindicato não aprovaram. Todos questionaram a questão dos impactos ambientais** e tudo, só que eles vieram com o pessoal do Ibama, o pessoal de dois institutos, que não me recordo o nome, mais o pessoal do ITERMA, pessoal da Secretaria de Meio Ambiente e todos que vieram, eles fizeram aquele carnaval todo, sabe como é. E aí **as nossas discussões praticamente não serviu para nada.** Foi questionado muito.

(Cleiber Nunes da Luz, Tutóia Velha, setembro de 2017)

A insistência na extração de petróleo e os impactos de mais um grande empreendimento

Júlio: Na verdade tem uma grade, um motor gradeado.

Sônia: É que embaixo é tipo assim um motor, aí por cima é gradeado.

Pergunta: Mas é de algum projeto?

Júlio: Não, é de pesquisa da Petrobrás, essa daqui eles falam que ela é de óleo. Mas ela é de querosene, um poço de querosene só que gradeado.

(Excerto de entrevista durante a realização da Oficina de Mapas no STTR de Barro Duro, com o Sr. Júlio e a Sra. Sônia atual presidente da Associação de Remanso)

Pergunta: Durante a Oficina de Mapas em Barro Duro foi dito sobre a exploração de petróleo. Lá na comunidade de Remanso tem poço de Petróleo?

Seu Zezé: Eles ainda não extraem mas aqui ela mina, ela brota em cima. Tem a mesma situação do Remanso. Eles perfuraram, ela jorrou e elas vedaram, mas aqui essa situação que de vez em quando ela vem à tona, eles estão muito focados com a situação do mar porque todo esse tempo que eles estão fazendo essa perfuração **a ideia deles é encontrar a bacia**, ela é uma questão que assim. Porque assim teve um tempo que eu trabalhei nessa área aqui e a gente é meio curioso fez umas perguntas e o George ele dizia pra gente que **o Petróleo é uma bacia que ramifica**. Aí ele deu um exemplo do cupim, o cupim tem uma casa e tem várias ramificações, eles saem para várias direções. Então, o petróleo ele tem essa mesma formação, se tem uma ramificação tem que tem essa parte aqui em Remanso. Então **tem uma bacia em algum lugar e eles vem atrás de buscar essa bacia**, porque é da bacia que sai a extração. De só uma veia eles não extraem porque pode no futuro ela secar, eles achando a bacia aí é mais grave. Então **esse petróleo agora ele tá nessa situação perfurar pra identificar essa bacia** que eles sabem que existe, eles já sabem, **eles querem identificar a bacia e pra isso eles vão perfurar toda esse território aqui**. Nós tivemos uma **audiência pública** sobre os poços de petróleo, **aonde se percebe que eles já vêm com o pacote pronto. Eles apenas vêm para a audiência pra formular o documento, pra dizer: “a gente foi, teve a audiência”**. Mas o quê o povo fala ou interfere eles não tomam conta se tá bem ou não, eles querem é fazer a audiência, o que a gente fala não influencia. Eu fiquei com essa ideia na audiência da **Dragamar**, fiquei com essa ideia quando foi a audiência da **Cobra**, que quem fez foi a Cobra na eólica e fiquei com essa ideia agora com a perfuração do petróleo. Eles têm o mesmo esquema, o mesmo tipo de fala que, quando a gente reivindica, eles simplesmente falam alguma coisa só pra tirar de tempo. Quando eles fizeram agora essa da perfuração do petróleo tá muito vivo a questão do acidente, né, do petróleo no nordeste. Aí a gente perguntou, se caso viesse a acontecer um acidente, quem iria ter uma reparação? Aí eles disseram que pra reparação só em caso de acidente, se não tem acidente, não tem reparação, então vai se adequar assim. Agora imagina, aqui é um mar aberto, onde várias pessoas pescam, e vai para vários estados, trabalham nessa área aqui, aí pega e **coloca uma torre aqui ou uma plataforma aqui, não vai mexer nesse sistema? Vai, aí nós vamos ter que deixar de pescar aonde tá a torre, esse barulho aqui vai afastar esses peixes tudo, nós vamos ter dificuldade de sobreviver e se não tem um programa pra reparar**. Complicado, então mais ou menos por aí. (...) É, porque **agora vem petróleo, turismo, calcário**, vem essa nova empresa que a gente nem sabe. **E ainda tem o porto, então são vários empreendimentos que estão adentrando aquela região**.

(José Altair Marques, representante da CPP, reunião no PPGCSPA/UEMA em 07 de março de 2020)

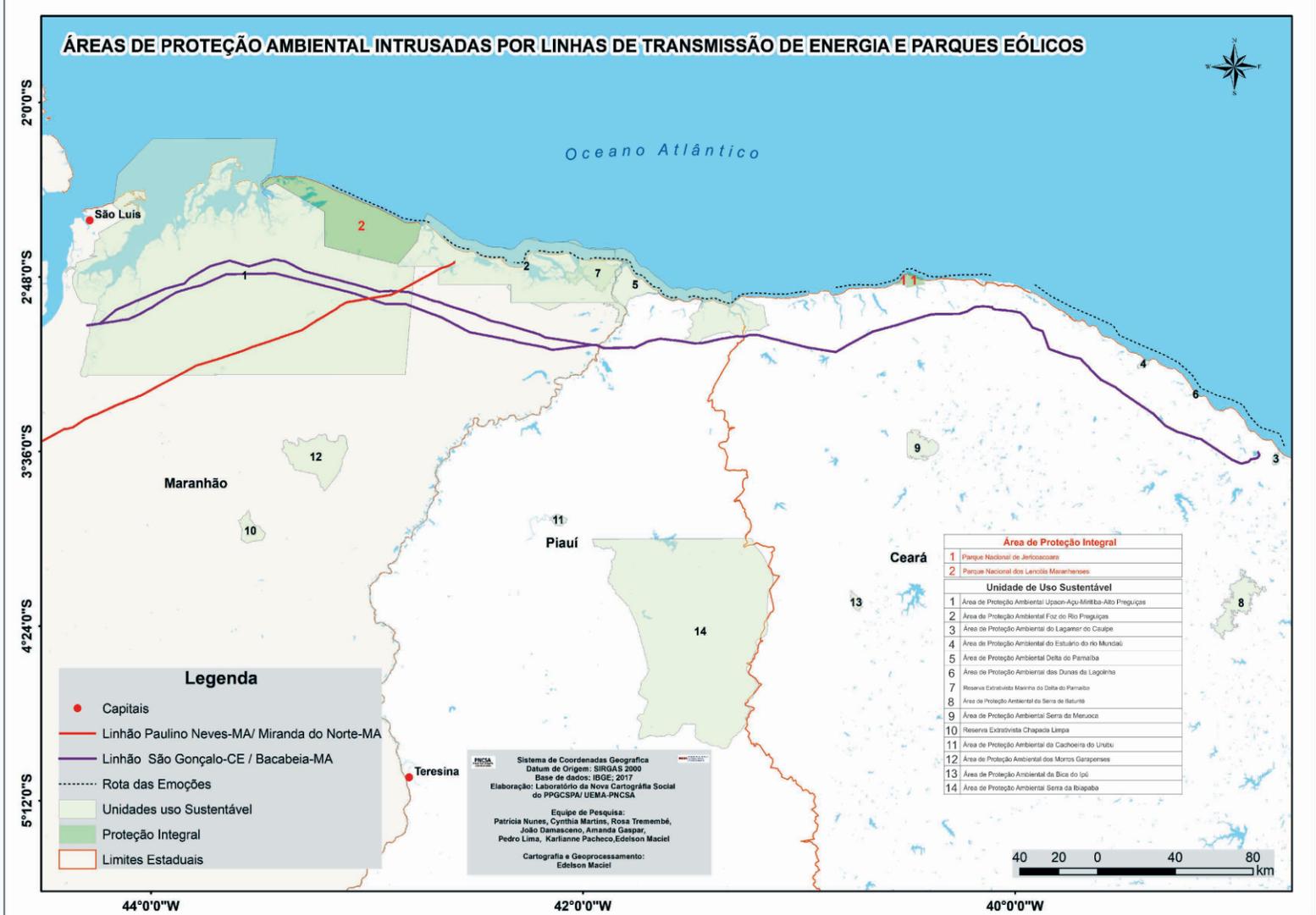
O presidente de uma das novas associações comunitárias criadas no PE Santa Clara Comum parece ter regressado ao município de Tutóia muito recentemente, atraído pelos novos empreendimentos na região. Por ter passado sua infância e juventude em Tutóia é capaz de desenredar acontecimentos do passado que ajudam a entender a recente intensificação de estudos petrolíferos e intervenções da Petrobrás na região do Baixo Parnaíba. Ao relembrar da presença de veículos que pareciam “tanques de guerra”, chama a atenção que muitas dunas da região estão cheias de dinamites. Dinamites essas, enterradas pela Petrobrás em fins da década de 1960 e início dos anos 70. Em sua visão, foram essas dinamites enterradas no período do regime militar que explodiram recentemente com a abertura da rodovia MA-315. Ele ressalta, portanto, os interesses do governo na exploração de recursos minerais, notadamente o petróleo e seus derivados, desde a década de 1970.

6 – Outros empreendimentos: a rota das emoções

Pergunta: seu Zezé e essa chamada rota das emoções, o que o senhor acha?

Seu Zezé: eles querem essa área aqui junto com a exploração do turismo porque essa rota aqui tá dentro da rota da emoções que começa no Ceará. Eles querem botar um transporte pra cá nas voadeiras em torno de uma hora, uma hora e meia, pra fazer esse circuito. Eles querem chegar daqui de Tutóia em 45 minutos até o Caburé em Barreirinhas. Ai essa rota, esse turismo, ele cresce lá. Mas ai, se isso acontecer, quem vai pagar um preço muito caro é os pescadores porque ai perdem essas ilhas. Quando a pesca está boa nada impede da gente ter uma boa produção e voltar pra casa. Mas quando a pesca está fraca, como diz a nossa linguagem, a gente acampa aqui na ilha, leva gelo e segura os peixes aqui nas caixas. A gente tira isso de estar indo e vindo. Quando tem uma boa porcentagem do peixe, que a gente vem, passa a ser econômico pra gente e sem falar que aqui a gente tá pegando e guardando. E se a gente vier todo dia, todo dia a gente vende, mas também nunca que a gente vai ter uma porcentagem como se nos ficássemos aqui, pernoitando nas ilhas.

A Rota das Emoções conta com um percurso com mais de 900 km de estrada que inclui atrações turísticas de três Estados: Ceará, Maranhão e Piauí. É um projeto interestadual que interliga três áreas de proteção ambiental situadas ao longo da costa, o Parque Nacional de Jericoacoara (CE), a Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba (PI) e o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (MA). A Rota das Emoções é incentivada pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e conta com as ações governamentais dos estados do Maranhão, Piauí e Ceará em conjunto com o Ministério do Turismo.



SÍNTESE DA APRESENTAÇÃO DOS CROQUIS DURANTE A OFICINA DE MAPAS:

Ênfase na descrição dos territórios tradicionalmente ocupados, uso dos recursos naturais e de sua degradação por diferentes antagonistas.



SOBRE A OFICINA CROQUIS E DEPOIMENTOS E PARTICIPANTES

SÍNTESE DA APRESENTAÇÃO DOS CROQUIS DURANTE A OFICINA DE MAPAS: ênfase na descrição dos territórios tradicionalmente ocupados, uso dos recursos naturais e de sua degradação por diferentes antagonistas.

GRUPO 1 – PESCADORES DE TUTÓIA

Participantes:

Francisco José O. Martins (Colônia Z-17/Tutóia); José Ribamar Cardoso da Conceição (Associação de Tutóia); Marçal Fernandes da Costa (Associação de Tutóia); Natan G. Araújo da Costa (Povoado Dendê/Tutóia); Maria José Gomes Araújo (Povoado Dendê/Tutóia); Francisco (Tutóia); José Altair Marques (CCP/ Tutóia).



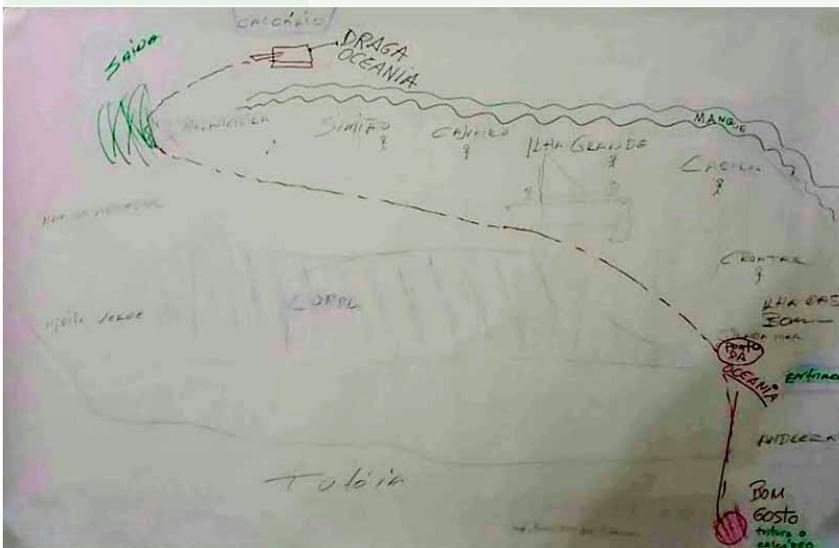
NOME/VÍNCULO COM FORMAS ORGANIZATIVAS/GRUPOS DE TRABALHO

José Altair Marques
– Sr. Zezé (CCP/
TUTÓIA)

FALA

Seu Zezé – O Caminho mais próximo da cidade, da beira da praia, porque tem uma baía, tem a praia de um lado e a baía do outro, onde já começam as ilhas que compõem o Delta das Américas. A gente pegou os nomes de algumas aqui como a Melancieira, que na saída é a ponta mais fora que nós temos; o Simeão, que é uma praia, do lado da ilha que eu estou falando; e aqui já são manguezais do Cajueiro; A Ilha Grande que é a mais povoada dessas ilhas, ela tem em torno de 45 a 50 famílias. Até que agora nesses últimos tempos o povo está viajando muito para o sul, sudeste, atrás de emprego e tem umas casas lá com pouca gente. Tem até assentamento dentro da Ilha Grande, é um povo super organizado com seus direitos direitinhos, tem colégio e tudo mais, e limita pelas ilhas até o ponto de Tutóia. Lá na frente é Barrinha que já é Água Doce, vindo para dentro que tem Caiera, que é uma ilha perto de Igoronhons. Tem o Coroatá, esse Coroatá é uma das primeiras ilhas habitadas, quando os portugueses chegaram por este canal. Eles habitaram o Coroatá que já tinha os irmãos que Rosa falou ainda agora, que são os Tremembé. A área está sendo muito explorada pelo turismo, toda essa região aqui é explorada pelo Turismo, até o Caju. Tem algumas empresas lá de Tutóia que estão com umas lanchinhas fazendo turismo na região, vendendo a imagem da situação. Aqui a Ilha das Pombas que é uma ilha que é muito perto da cidade porque tinha muito pássaros e era pombo o nome dos pássaros. A Dragamar, aqui é o porto aonde a draga que explora esse cascalho aqui fora, ela adentra por esse canal, deixa

essas ilhas pra ali, e esse canal é muito fundo, ele chega a dar onze braços de fundura, uma medida que calcula a metragem por braços, não é! E esse navio descarrega aqui nesse porto que é da Andreza e daqui esse produto sai dos caminhões vai lá para o beneficiamento que é no Bom Gosto. Aqui é Andreza, é a ponta aonde faz a curva do Igarapé que é muito bonito, tem o cartão postal muito bonito de como era Andreza, agora está super acabada com a devastação de tudo que está acontecendo, até os coqueiros lá estão morrendo, estão sentindo muito. Esse aqui é um canal, esse canal é muito utilizado pela nossa pesca, pesca artesanal, onde pesca de linha, de cruzeira, de casceira, de vários tipos que abastece a cidade, na base da pescaria. Nós sabemos que a cidade ela não comporta a demanda sobre emprego, então, o carro chefe acaba sendo essa pesca que tá sendo muito sofrida mesmo. Nesse córrego



aqui é Manguezal, são grupos de ilhas que compõem esse manguezal aqui, ele é considerado um Manguezal muito rico porque é considerado um berçário dos camarões, dos siris, dos peixes, dos caranguejos, do marisco, do sururu e por assim vai, infinito os seres vivos que tem ali dentro. E, pessoas que já estudaram a área dizem que o camarão de lá tem um sabor diferente porque o seguimento que esse mangue produz ele aumenta a produção desse produto, cresce mais ligeiro e tem um sabor diferente. Eu conheço regiões do país como Belém e outros estados aí que, quando querem vender camarão vermelho, que é um camarão que dá muito aqui, eles dizem que é o camarão Tutóia por causa do sabor, é um camarão muito vendido no país, esse camarão vermelho. Esses manguezais são bastante extensos, ele aqui vai até Parnaíba, até a ilha do Delta, são cento e poucas ilhas que estão sofrendo a degradação. Aqui tem pedras e tem corais, veja a quantidade de espécies de peixes aqui, é muito grande, é difícil de dar uma quantidade.

GRUPO 2 – PESCADORES DE BELÁGUA / SANTA CLARA DOS COMUNS

Participantes:

Raimundo Nonato Soares da Silva (Anajazal/Belágua);

Pedro Oliveira da Costa (Povoado de Dendê/
Santa Clara dos Comuns/ STTR de Tutóia);

Rejane (Santo Antônio/ Santa Clara dos Comuns)

Edilson (Santo Antônio/ Santa Clara dos Comuns)



NOME/VÍNCULO COM FORMAS ORGANIZATIVAS/ GRUPOS DE TRABALHO

FALA

Raimundo Nonato
Soares da Silva
(Anajazal, Belágua/
Presidente da
Associação Belágua)

Raimundo (Belágua): Muito bem, como eu estava falando, aqui são dois Projetos Estaduais, que é Santa Clara Comum e Belágua. Santa Clara Comum é representada por essa linha com cores mais fortes, por exemplo, aqui temos as comunidades de Arpoador e Peroba. É onde futuramente haverá o parque eólico, a ampliação do parque. Essa linha aqui que ainda não tem um nome específico que vai ligar aqui na comunidade Mamuí, desse município de Tutóia. Lá em cima é a MA que liga Tutóia a Paulino Neves, que estão localizados todos os povoados, desde o Comum até Siriema. Aqui nessa parte se localiza também o novo parque eólico que está na gleba Santa Clara Comum que também é um parque (..).

Pedro Oliveira da
Costa (Povoado de
Dendê/ Santa Clara
dos Comuns/ STTR
de Tutóia)

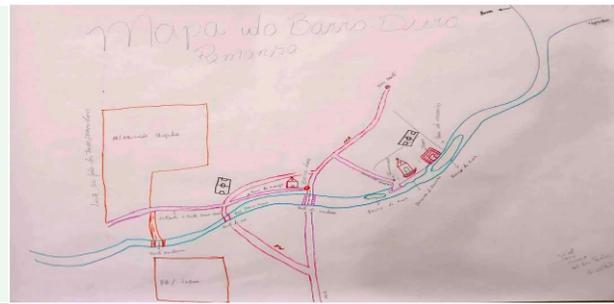
Pedro (Santa Clara dos Comuns)

Então, aqui esses são os futuros parques. Lá na Santa Clara Comum a gente não está fora disso. Todas essas comunidades estão com títulos e todas elas fizeram um contrato com as empresas para os futuros parques. Então vindo aqui do Arpoador, Peroba, aonde é



cheio de lagoas, onde os pescadores pescam. Tem aqui os igarapés que está entre o Arpoador e Tutóia Velha, os igarapés, lagoas (...). Então assim, a partir da data que estiver funcionando os parques eólicos dentro de Arpoador muitos pescadores vão ser prejudicados. Lá na Santa Clara Comum a maioria desse pessoal vem buscar pescar aqui nesses igarapés, às vezes as lagoas estão cheias, o pessoal vem colocar o gado aqui. Então assim, a partir da data que essa

empresa implantar os parques eólicos aqui dentro, toda essa região vai ser prejudicada. A pessoa que fez esse contrato aqui nunca nem se sentou com a gente, fez tudo por debaixo dos panos, quando pensou que não já estava tudo ok e aí pronto.

GRUPO 3 – PESCADORES DE BARRO DURO**Participantes:****Jardel Veras da Silva (Associação Capadão, Barro Duro)****Erivaldo José de Araújo Silva (Barro Duro)****Sônia Maria F. de Lima (Remanso)****Ronária Pereira da Conceição (Remanso)**
**NOME/VÍNCULO
COM FORMAS
ORGANIZATIVAS/
GRUPOS DE TRABALHO**

Jardel Veras da Silva
(Associação
Capadão,
Barro Duro)

FALA

Jardel – A gente fez mais ou menos uma divisão de Barro Duro, onde começa a gleba Barro Duro e São Bento e aqui está exatamente acompanhando o rio, o rio Barro Duro. Aqui é o Remanso, que tem o poço onde eles falam que tem óleo. Na verdade, isso daqui no sistema da Petrobrás está como poço de gasolina. Mas é querosene lá, sai querosene, não é óleo como eles falam, é querosene. A briga do pessoal do Remanso aqui que eles falam que não tem área para trabalhar porque apareceu algumas empresas ou donos de algumas empresas de área de terras que fizeram basicamente isso, cortaram a terra, e eles ficaram praticamente ilhados, não tem mais pra aonde ir.

Em 2000, por volta de 2001 até 2002, foi feita a primeira associação dos moradores no Barro Duro que essa aqui que está perto do INCRA que fica do outro lado rio. Aqui ela foi criada, mais ou menos 100 hectares de terra foi roçada, e desfoçada pra fazer um projeto de plantação de coqueiro, era maracujá, vários tipos de plantação de frutas, de árvores frutíferas só que esse projeto acho ele durou cerca de uns cinco anos e depois ele simplesmente sem apoio técnico nenhum aí ele se acabou, em função disso muita gente aqui na época muita gente parou de fazer roça, parou de pescar e acabou que ninguém mais quis voltar pra sua função anterior.

A outra parte que estava tendo bastante problema os vaqueiros da região de trabalho eles não estavam mais tendo mais como manter o gado solto fora dessa área aqui, por que o gado estava indo pra pista, o pessoal estava matando, estava roubando, eles estavam perdendo o que tinha, o pouco que tinha, então foi feita nessa área aqui foi feita esse círculo, só que hoje existe uma briga muito grande por causa disso aqui, o pessoal que era o presidente do INCRA, outras pessoas que estavam envolvidas nisso aqui estavam brigando direto com eles e outras pessoas do Barro Duro que eles ameaçam até praticamente de tomarem as casas de lá de perto do rio. Essa é uma das confusões que tá tendo aqui, uns probleminhas que a gente tem. Esse bem aqui era um projeto muito antigo que a gente chama hoje, algumas pessoas chamam de ponte fantasma, que é uma ponte que foi construída transitório que iria passar nessa ponte de Barro Duro que eles falaram que iria chegar o desenvolvimento. Na época deu muito trabalho pra muita gente, muita gente ganhou dinheiro, mas a ponte tá inexistente até hoje lá no meio da mata em cima do rio, não tem nada, tem só a ponte construída lá no meio do mato.



GRUPO 4 – PESCADORES DE PAULINO NEVES

Participantes:

Lauro Ferreira (COLONIA/PAULINO NEVES)

Marcos Antônio Chagas dos Reis (COLONIA/PAULINO NEVES)

José de Ribamar Cardoso da Conceição (ASSOCIAÇÃO/TUTÓIA)

Osmar C. das Chagas (COLONIA/PAULINO)

José Garcia Pereira Cabral (COLONIA/PAULINO NEVES)

Antônio Carlos Macedo (COLONIA/PAULINO NEVES)

Benedito C. Rodrigues (Água Riquinha/PAULINO NEVES)


**NOME/VÍNCULO
COM FORMAS
ORGANIZATIVAS/
GRUPOS DE TRABALHO**

Osmar C. das
Chagas (Colônia/
Paulino Neves)

FALA

Osmar – Antigamente era município de Tutóia e Rio Novo que tá junto, era município de Barreirinhas e daí nós tentamos pegar agora os dois pontos pra poder colocar hoje como cidade no caso. Hoje aqui é a cidade de Paulino Neves, do lado de cá do rio, aqui tá o rio, esse rio aqui depois é chamado de Rio Novo que desce para o oceano Atlântico, que desce aqui, desagua aqui nessa área do mar, pra cá ela vai para a Taboá, grande Lago da Taboá. Nós temos uma ilha no meio desse lago, chamada Ilha do Poção. Aqui é o Rio da Fome ou Formiga como os senhores conhecem, aqui é o rio Carrapato, essas comunidades aqui estão vizinhas de Paulino Neves que é Copaubá, outros que chamam de Copaiá, Ilhas dos Souza, Angelim, Ponta Grossa, Pebinha, Ilha do Cabo, Ilha da Cabaceira e São Lonreço. Então, aqui do outro lado tem a avenida Rio Novo. Aqui é a ponte, a nossa primeira ponte aqui, a nossa primeira ponte é essa aqui e hoje a nova ponte aqui. Veja só essa velha ponte aqui é a que sai para os Lençóis Maranhenses, para os nossos Lençóis, para as torres de energia eólica. Essa aqui é a ponte nova que vai rumo a Barreirinhas, que vai para Barreirinhas, nesse lado nós estamos com o campo, tem o campo aqui. Hoje, a associação que está ganhando dinheiro da Ômega é a ACORDEM. Ela cercou isso aqui. Essa é a Rede elétrica, essa rede aqui dá choque para os pescadores, não vim mais pescar aqui. Tem lagoas, tudo aqui é campo, mas hoje nós estamos impedidos de pescar.

Então nós estamos impedidos, de forma que de um lado está a Ômega nos atrapalhando e do outro lado está essa associação (...) é uma que foi criada para tirar o dinheiro da Ômega (...) Ela se formou agora no período que falaram de dinheiro, na época da estrada rumo a Barreirinhas. (...)

Aqui nós estamos com o linhão, o que veio até não sei de onde, de Bacabeira, que nós queremos chamar atenção. Bem aqui tem uma torre dentro do lago, ela está bem aqui dentro do lago mesmo aqui dentro do nosso lago e tem as outras torres, tem o linhão que vai a base, a primeira base. (...) É a primeira subestação no meio do campo que foi essa que acabamos de falar que foi uma das maiores lagoas, eles aterraram e implantaram a subestação.

(...) Aí vem a primeira bem próximo da praia dessa área aqui que a gente viu que foi implantada as torres de energia, essa área aqui nós estamos com o oceano Atlântico. Aqui o barco emborcado porque recentemente no Parque Atins, vocês souberam que o barco alagou e matou até uns companheiros. (...) Então nós fizemos isso para registrar, dizer o que acontece, o pessoal da Raposa que morreu ou menos no Atins, estavam no barco. E aqui é o seguinte, aonde as tartarugas saiam pro mar pra vim colocar os seus ovos, nessa área aqui, aonde tem a subestação, onde as tartarugas vinham colocar seus ovos aqui essas área aqui é aonde tinha bastante aves e que agora estão desaparecendo, aqui está o povoado de Alazão, povoado onde tem umas comunidades que estão recebendo dinheiro da Ômega. E essa área aqui de campos, dunas, lagoas que é onde nós ainda estamos pescando hoje (...) Esse pessoal aqui eles são pescadores, eles são colonizados na nossa colônia, são colonizados mas também tem uma associação que é essa que recebe, esse eles já disseram pra nós que até 60 mil reais eles recebem por mês, agora oscila, tem mês que menos e tem mês que é até mais que 60 mil reais que eles recebem (...) Então eles recebem uma quantia boa por

hora. Agora a Acordem que é a maior associação e tem a associação de Paulino Neves, ela ninguém sabe quanto recebe o presidente ali, o vizinho, o primo ali mas eu não sei quanto ele recebe (...) Então, o que se vê é que não estão preocupados porque eles estão ganhando esse dinheiro aqui e às vezes também ainda recebe até o seguro de pescadores, que não é pra todos os pescadores, mas para alguns pescadores, inclusive tem alguns deles que recebem. Aqui está a área do Mangezal que nós exploramos a ostra, o peixe, todo tipo de marisco nós temos aqui. Aqui vindo ainda de Tutóia nós vimos a linha tem o povoado de Tapera, povoado Tingidor, Vista Alegre, bem aqui nós colocamos a linha que vem aqui pra Tutóia... estamos bem aqui o povoado de Itapera, povoado Tingidor, Vista Alegre aonde entra a área do Delta que é o nosso último povoado, e aqui nós dizemos que é o povoado de Água Riquinha que está mais ou menos nessa área aqui (...) toda essa área aqui nós fomos proibidos de entrar para pescar, essa área aqui, entendeu, somos proibidos.

(...) Nessa área aqui nós ainda pescamos mas nós estamos proibidos, porque eles vão também implantar a torre agora, eles vão implantar. (...) Já tem até as placas que eles vão implantar as torres aqui (...) Pegam areia das dunas, vai pegando das dunas e vai empurrando porque é muita areia. E é rápido que eles fazem o serviço porque tem muita areia, não vai buscar longe, está bem pertinho, ali do lado, a areia está caindo bem aqui do lado, está aterrando esse lado aqui. Essa área que está bem aqui quase na beira já está quase toda aterrada. Depois que eles aterraram então a gente sentiu que as margens começaram rapidamente a secar (...) Teve uma torre que caiu aqui nessa área, mais ou menos uns amigos que disseram que caiu essa torre, diz que chegou uns gringos de imediatos foram fazer um monitoramento pra saber o que houve com as torres.





Osmar, Jardel, Zezé, Francisco, Biné, Sonia, Erivaldo, Maria de Jesus, Ronária, Seu Pedrinho, Lauro, Raimundo, Edivaldo, José; José Ribamar, Marcos, Antônia, Cynthia, Patrícia e Rosa Tremembé.

OFICINA PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL E POLÍTICA DA AMAZÔNIA

LOCAL: SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE TUTÓIA

Data: 26/10/2019

Comunidade: Barro Duro

Lista de presença

NOME	COMUNIDADE/MUNICÍPIO	ENTIDADE	ATIVIDADE OU IDENTIDADE
Osmar C. das Chagas	Paulinho Neves	Colônia	Pescador
José Garcia pereira Cabral	Paulinho Neves	Colônia	Pescador
José Altair Marques	Tutóia	CPP	Pescador
Francisco José O. Martins	Tutóia	Colônia	Pescador
Massal Fernandes da Costa	Curralinho		Sócio
Lauro Ferreira da	Paulino Neves	Colônia	Pescador
Marcos Antônio Chagas dos Reis	Paulino Neves	Colônia	Pescador
Antônio Carlos Macêdo	Paulino Neves	Colônia	Pescador
Natana G. Araújo da Costa	Comunidade Dendê		Lavrador
Maria José Gomes Araújo	Comunidade Dendê/Tutóia	Presidente da Associação do comunidade de Dendê	Presidente
José Ribamar Lima Assunção	Areia	Pastoral	Pescador
Jardel Veras da Silva	Barro Duro	Associação Capadão	Presidente
Erivaldo José de Araújo Silva	Barro Duro	Associação	Pescador
Jose de Ribamar Cardoso da Conceição	Tutóia	Associação	Pescador
Sonia Maria F. de Lima	Remanso	Associação	Presidente
Maria dos Santos Souza Gomes	Remanso	Associação	Secretária
Ronária Pereira da Conceição	Remanso	Associação	Tesoureira
Raimundo Nonato Soares da Silva	Anajazal	PE Bel Água	Diretor Presidente
Benedito C Rodrigues	Água Riquinha / Paulino Neves		Dirigente da comunidade e lavrador
Pedro Oliveira da Costa	Comunidade Dendê	STTR	
Rejane	Comunidade Santo Antônio Barro Duro	STTR	
Edilson	STR de Tutóia		
Antônia Carlos Macedo	Paulino Neves	Colônia dos Pescadores	
Amanda Nascimento Gaspar		PPGCSPA\UEMA	
Karlíane Pacheco de Sousa	São Luís	UEMA	
Pedro da Cruz Lima Júnior	São Luís	UEMA	
Edelson Leitão Maciel	São Luís	UEMA	
Rosa Torres Tremembé	Raposa	PPGCSPA\UEMA	
Patrícia Portela Nunes	São Luís	PPGCSPA\UEMA	
Cynthia Carvalho Martins	São Luís	PPGCSPA\UEMA	

BOLETINS INFORMATIVOS PUBLICADOS

- 1 - INDÍGENAS GAMELA NO CERRADO PIAUIENSE
- 2 - RIBEIRINHOS, PESCADORES E PESCADORAS DO VILAR E MOJU NA ILHA XINGU-PAE SANTO AFONSO: TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA DE NOSSAS ORIGENS
- 3 - POVOS TRADICIONAIS INDÍGENAS DO VALE DO JAVARI
- 4 - CARTOGRAFIA SOCIAL DO BAIXO TOCANTINS ATÉ SUA FOZ NO RIO PARÁ, AO SUL DA ILHA DE MARAJÓ: POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NA ROTA DOS GRANDES EMPREENDIMENTOS, NO PARÁ
- 5 - GUERRA NO TERRITÓRIO DO CONDE: COMUNIDADES TRADICIONAIS, MIGRANTES, ESTADO E EMPRESAS NA DISPUTA TERRITORIAL
- 6 - TRABALHADORES DA AGRICULTURA FAMILIAR: ACAMPADOS OPRIMIDOS PELA MINERAÇÃO EM CANAÃ DOS CARAJÁS
- 7 - PESCADORES E RIBEIRINHOS SUDESTE O PARÁ
- 8 - RAÍZES E LUTAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOAQUIM
- 9 - COMUNIDADE GERAIZEIRA PINDAÍBA - MG
- 10 - CARTOGRAFIA SOCIAL DE PARACATU DE BAIXO, MARIANA (MG)
- 11 - POVO OMÀGUA KAMBEBA: MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E RESISTÊNCIA NOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS DO ALTO SOLIMÕES
- 12 - QUILOMBOLAS, PESCADORES, RIBEIRINHOS E EXTRATIVISTAS SOB EFEITOS SOCIAIS E AMBIENTAIS DA UHE -TUCURUÍ E AMEAÇADOS PELOS PROJETOS DA HIDROVIA DO TOCANTINS-ARAGUAIA
- 13 - POVOS TIKUNA E KOKAMA DE BENJAMIM CONSTANT (AM) – MOVIMENTO PELA DEMARÇÃO DA TERRA TRADICIONALMENTE OCUPADA
- 14 - TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE SANTA ROSA DOS PRETOS: CONFLITOS COM A DUPLICAÇÃO DA BR 135 EM ITAPECURU MIRIM-MA.
- 15 - VILA FÉ EM DEUS, PEDREIRAS, VIOLAS, CARIONGO E SANTANA SÃO PATRÍCIO (SANTA RITA) E OITEIRO DOS NOGUEIRAS (ITAPECURU MIRIM)-MA: TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS INTRUSADOS PELA DUPLICAÇÃO DA BR 135
- 16 - PESCADORES DE TUTÓIA E PAULINHO NEVES: CONFLITOS ÉTNICOS E DEVASTACÕES PROVOCADAS PELA IMPLANTAÇÃO DE PARQUES EÓLICOS NO MARANHÃO.

Realização:

Colônia de Pesca de Tutóia – Z-17
Colônia de Pesca de Paulino Neves Z-57
Comissão Pastoral da Pesca (CPP)
Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Financiamento:



Climate and
Land Use Alliance

Apoio:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia

Nova Cartografia
Social da Amazônia